

## PRAGMÁTICA E SINTAXE-SEMÂNTICA DAS CONSECUTIVAS

0. Os segmentos sublinhados (que referenciarei por p´) nos Enunciados (ENs) (1), (2) e (3) são, como se sabe, *orações consecutivas*:

- (1) A mesa é tão larga *que não cabe na sala*
- (2) Está tanto frio *que não devias sair de casa*
- (3) O Zé é suficientemente inteligente *para resolver esse problema.*

O segmento sublinhado em (4) é, por vezes, também rotulado como oração consecutiva, mais exactamente como *consecutiva conclusiva*<sup>1</sup>:

- (4) O Zé tem a janela aberta; *por isso/por consequência, está em casa.*

Neste estudo, deixarei de lado ENs do tipo de (4); ocupar-me-ei, assim, das orações consecutivas *stricto sensu*, ou, melhor, dos ENs que comportam uma tal oração consecutiva.

Distinguirei três tipos de consecutivas: O EN (1) ilustra (o que chamarei) a consecutiva-tipo I; o EN (2), a consecutiva-tipo II; o EN (3), a consecutiva-tipo III. A consecutiva-tipo III tem merecido na descrição linguística pouca ou mesmo nenhuma atenção; por sua vez, a consecutiva-tipo II tem sido sistematicamente ignorada — seguramente porque os ENs em que se manifesta apresentam o mesmo formato dos ENs em que cabe a consecutiva-tipo I, com a qual será confundida.

Depois da caracterização de cada um destes três tipos de consecutivas — caracterização que contemplará aspectos sintáctico-semânticos mas sobre-

---

<sup>1</sup> Sobre estas, ver ZANONE, A. — *La consécution sans contradiction: donc, par conséquent, alors, ainsi, aussi*. «Cahiers de Linguistique Française», n.º 4 e n.º 5, 1982 e 1983; ROULET *et al.* — *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne, 1985, p. 145-153.

tudo aspectos pragmáticos —, considerarei, na parte final deste estudo, soluções que designo de ‘aparentadas’ ao formato padrão (referenciado em (1), em (2) e em (3)) dos ENs em que se inscreve, respectivamente, uma consecutiva-tipo I, uma consecutiva-tipo II e uma consecutiva-tipo III.

Antes, porém, de me dedicar a estas tarefas, considero conveniente referenciar, ainda que muito sumariamente, em 0.1-0.4., alguns traços comuns aos três tipos de consecutivas.

0.1. Muito correntemente as orações consecutivas são ditas subordinadas — catalogação que de todo lhes não convém. Bastará reparar em que, ao invés do que se passa com as orações tipicamente subordinadas, as consecutivas não preenchem uma função sintáctica no todo do EN em que se inscrevem nem apresentam mobilidade em relação às respectivas orações ‘subordinantes’, sendo-lhes antes regularmente pospostas<sup>2</sup>. Estes dois traços são comuns às orações comparativas, que também não constituem em rigor orações subordinadas.<sup>3</sup>

0.2. A inserção das consecutivas num EN deve ser tomado como um processo de *integração* de duas orações (p e p’)<sup>4</sup> — processo esse operado tipicamente por um *morfema descontínuo* do género de *tão/tanto... que*<sup>5</sup>.

É esse morfema que vemos operar nos ENs (1) e (2). O seu primeiro membro pode comutar com outros: *tal, de tal forma/modo/maneira* e mesmo, embora em condições particulares (Ver adiante), *cada e um*.

O EN (3) mostra que aquele processo integrativo pode ser operado pela sequência *suficientemente/suficiente para* — introduzindo este último termo o segmento p’, que se realiza em EN (eventualmente reduzido, como se verá adiante, ao seu termo sujeito ou a um substituto). Alternam com *suficientemente/suficiente* outros elementos, equivalentes, como *o suficiente, o bas-*

<sup>2</sup> Há, porém, um formato em que a consecutiva é anteposta — conduzindo ao que já se tem chamado de “consecutivas invertidas”. Trata-se de uma solução alternativa ao formato padrão dos ENs em análise — solução essa que coloco numa zona claramente marginal. Ver, mais abaixo, 1.9 e 2.5.

<sup>3</sup> Para alguns outros traços comuns às consecutivas e às comparativas, ver a sequência da exposição.

<sup>4</sup> É claro o afastamento das orações consecutivas conclusivas em relação a este ponto; nelas, o segmento p’ ocorre como oração coordenada, com a sua autonomia própria.

<sup>5</sup> Estes elementos aplicam-se a verbos, a adjectivos (predicativos), a advérbios ou a nomes — embora em combinatórias diferenciadas, que não será preciso especificar. Lembrarei que nas comparativas tem lugar um idêntico processo integrativo, em que operam os conhecidos morfemas descontínuos *mais ... que, menos ... que, tão/tanto ... como*.

*tante*, ou não equivalentes, como *demasiado* e *de mais* — o que, como se caracterizará mais abaixo, configura no domínio das consecutivas-tipo III duas modalidades distintas.

O processo integrador em referência gera uma forte *solidariedade/interdependência sintagmática* entre os segmentos p e p'.

Por força do semantismo daqueles morfemas integradores/da forte solidariedade ou interdependência sintagmática entre p e p', o segmento p apresenta um carácter *catafórico*, sendo que a dimensão catafórica que o marca se *resolve* em p'.

0.3. O primeiro membro dos morfemas/da sequência referenciados acima apresenta-se claramente como um quantificador, estabelecendo no estado de coisas capturado em p uma ordem de grandeza orientada para a *intensificação* — intensificação essa que marca todo o EN e a que não é alheia a selecção do estado de coisas convocado em p' nem a resolução específica da dimensão catafórica presente, como assinalai, em p.

0.4. Um outro traço saliente nos ENs que nos ocupam é o que respeita à correlação *causa-consequência* que, de modo diferenciado, como veremos, conecta p e p'. Tal correlação — que também influi no desenho da dimensão catafórica de p e na sua resolução em p' — pode ser vista em termos de *implicação* arrastada pelo segmento que corresponde ao primeiro membro do conjunto (ou seja, p).

#### 1. Começo por me ocupar das consecutivas-tipo I.

Considerem-se os ENs seguintes, em que p' actualiza esse primeiro tipo de consecutivas — o que me habilitará, por comodidade expositiva, a tomá-los como ENs-I:

(I-1) A mesa é tão larga que não cabe na sala <sup>6</sup>

(I-2) O Zé tem tantas preocupações que não consegue dormir

(I-3) O Zé trabalha tanto que anda sempre cansado

(I-4) O Zé comeu tão abundantemente que se sentiu indisposto.

---

<sup>6</sup> Nos ENs que tomam uma consecutiva (de qualquer dos tipos referenciados) que se apresente em forma negativa, o elemento *não* pode ser substituído por *nem/até nem/nem sequer/nem mesmo*. Qualquer destes termos ou expressões reforçam a negação do segmento p' constituindo também um recurso para a intensificação do que se recorta/realiza em p. Ver mais abaixo.

1.1. As caracterizações disponíveis das consecutivas — que são sempre exclusivamente desenvolvidas com referência a ENs do tipo I, embora incluam, por vezes, um ou outro apontamento de pormenor sobre ENs do tipo III — insistem particularmente na patente correlação causa-consequência já assinalada. Explicitam, entretanto, com pertinência, que a causalidade que percorre os ENs em análise converge com uma *implicação* arrastada por p — sendo, então, que p (mais exactamente, o estado de coisas referenciado em p/o conteúdo proposicional de p) constitui *razão suficiente* para p'.<sup>7</sup>

Tal dimensão de implicação/causalidade é, em muitas das descrições das consecutivas que nela insistem, explicitada através de soluções tomadas como equivalentes, como ilustro de seguida na base de (I-1):

(I-1) A mesa é tão larga que não cabe na sala

(I-1') A mesa é muito larga; por isso/por consequência, não cabe na sala

(I-1'') A mesa não cabe na sala porque é muito larga.

Quero de imediato sublinhar que nenhuma destas soluções — (I-1') e (I-1'') — é, nem sequer minimamente, equivalente a (I-1).

A solução (I-1') — que projecta o que, em 0., foi apresentado como (consecutiva) conclusiva, ilustrada no EN (4) — está fundamentalmente orientada para a asserção (em p') de uma consequência de uma propriedade predicada (em p) em grau de intensidade elevada<sup>8</sup> — asserção essa que corresponde, assim, ao rumo ou objectivo comunicativo-informativo do complexo coordenado “p; por isso/por consequência p'”; ora (sumariando alguns aspectos que desenvolverei mais adiante), em (I-1) há antes uma clara orientação para a predicação dessa mesma qualidade e dessa mesma intensidade elevada, sendo que a consequência expressa em p' serve directamente ao recorte daquele grau elevado de intensidade.

---

<sup>7</sup> Esta dimensão implicativa/causal (a que voltarei mais adiante) aproxima, assim, causais e consecutivas, e ainda condicionais — a que haverá que juntar as contrastivas (adversativas e concessivas), estas também marcadas, se bem que sob modalidades diferenciadas, por aquela mesma dimensão.

<sup>8</sup> Anoto que esta situação não é a única que se configura nas consecutivas conclusivas; basta considerar o caso ilustrado com o EN (4): em p não tem lugar o recorte de um estado de coisas marcado por intensificação, sendo ainda que p' enuncia, mais exactamente que uma consequência, uma ilacção que o locutor retira de p. Ver, entretanto, mais abaixo, 1.2.1..

Por sua vez, a equivalência proposta entre (I-1) e (I-1'') é igualmente inaceitável. O que articula (I-1'') a (I-1'), e, através deste, a (I-1) é, na verdade, uma relação de tipo antonímico, mais exactamente, uma antonímia por conversão. Tal conversão (*por isso/por conseguinte e porque* são antónimos conversos) envolve a inversão dos segmentos p e p', e, por isso, a solução (I-1'') não 'fala' do mesmo estado de coisas — *não toma o mesmo tópico* — de que 'falamos' (I-1) e (I-1').

É, pois, ilegítima a proposta acima referenciada de equivalência entre (I-1)/(I-1') e (I-1'')<sup>9</sup>. Como se verá oportunamente nos números seguintes, está disponível uma solução bem mais adequada que as agora referenciadas, porque estritamente equivalente aos ENs em que se inscreve uma consecutiva — e isto tanto para os ENs-I, agora em análise, como para os ENs-II e III.

Feita esta observação, que, como já se compreendeu e como se confirmará de imediato por uma outra via, não é dispicienda, importa realçar que é inequívoca a presença nos ENs em análise de uma dimensão saliente de causalidade. Só que — e este é um ponto decisivo, que importa reter desde já — *os ENs-I não estão orientados para a expressão da causalidade*: usam-na, conferindo-lhe, pois, um mero carácter instrumental, para fins específicos — tipicamente, para o *encarecimento* do estado de coisas configurado em p, em que se realiza o objectivo comunicativo-informativo do EN globalmente tomado.

1.2. Revela-se conveniente retomar a dimensão de causalidade referenciada no número anterior.

Importará ter presente que nas causais há que ter na devida conta a distinção entre causais de *re/do enunciado* e causais de *dicto/da enunciação*.

A distinção entre estes dois tipos de causais fica plenamente recortada na base dos seguintes ENs:

- (5) O Zé faltou às aulas porque está doente
- (6) O Zé está doente porque faltou às aulas
- (7) As ruas estão molhadas porque choveu
- (8) Choveu porque as ruas estão molhadas.

---

<sup>9</sup> Esta crítica aplica-se por inteiro à esquemática análise das consecutivas proposta em MATEUS, M. H. M. *et al.* — *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1989, p. 321-323 — análise que verdadeiramente se esgota na consideração (nem sempre ajustada, como o ponto em referência assinala) da dimensão de implicação/causalidade que as percorre. Tal análise centra-se, de resto, exclusivamente sobre as consecutivas-tipo I, ignorando os outros tipos e os aspectos que considero basilares na configuração de cada um deles, de que aqui me ocupo.

- (9) O Zé chumbou porque estudou pouco
- (10) O Zé estudou pouco porque chumbou.

Os ENs (5), (7) e (9) ilustram o primeiro daqueles dois tipos de causais. Nestes ENs estabelece-se efectivamente uma correlação causa-consequência (com a ordenação consequência-causa) entre os estados de coisas recortados em *q* (introduzido por *porque*) e em *p* — sendo que o conteúdo proposicional de *q* é proposto como elemento explicativo (como razão suficiente) do conteúdo proposicional de *p*: *q* introduz a causa do efeito/consequência manifestado na subordinante (*p*).

Por sua vez, os ENs (6), (8) e (10) ilustram as causais *de dicto/da enunciação*. Neles, a correlação causa-consequência (também com a ordenação consequência-causa) estabelecida entre *q* e *p* é substancialmente diversa da que percorre aqueles primeiros ENs: *q* (introduzido por *porque*) exprime agora o fundamento invocado pelo locutor para enunciar *p*. A causalidade intervém aqui *como justificação do acto enunciativo/ilocutório realizado em p* — sendo, então, que *q* encadeia não com *p* (o conteúdo proposicional de *p*) antes *com a enunciação de p* (desenhando um *encadeamento enunciativo*). Por outras palavras: o estado de coisas contido em *q* é visto, e invocado, como razão suficiente da *enunciação de p*.

Repare-se em que os ENs (6), (8) e (10) admitem as seguintes paráfrases, que de todo não têm lugar para os ENs (5), (7) e (9):

- (6') *Digo* que o Zé está doente porque faltou às aulas
- (6'') O que me leva a *dizer* que o Zé está doente é a circunstância de ele ter faltado às aulas
- (6''') O Zé está doente, e *digo* isto porque ele faltou às aulas
  
- (8') *Digo* que choveu porque as ruas estão molhadas
- (8'') O que me leva a *dizer* que choveu é a circunstância de as ruas estarem molhadas
- (8''') Choveu, e *digo* isto porque as ruas estão molhadas.
  
- (10') *Digo* que o Zé estudou pouco porque chumbou
- (10'') O que me leva a *dizer* que o Zé estudou pouco é a circunstância de ele ter chumbado
- (10''') O Zé estudou pouco, e *digo* isto porque ele chumbou.

Ter-se-á notado que nestas paráfrases inscrevi um verbo ilocutório (genérico) — *dizer* — que precisamente explicita que as causais presentes em (6), (8) e (10) se aplicam sobre a enunciação de p e não estritamente sobre o seu conteúdo proposicional.

Importa agora apontar que, como se evidenciará mais adiante, as consecutivas de que me vinha ocupando — as consecutivas-I, as consecutivas contidas nos ENs-I — são percorridas por uma causalidade *de re/de enunciado*.

Ficará também desde já registado que a causalidade que percorre os outros dois tipos de consecutivas — já ilustradas sumariamente, em 0. — é uma causalidade *de dicto/da enunciação* (Ver mais abaixo).

1.2.1. A distinção, que acabei de recortar, entre a causalidade *de re/de enunciado* e a causalidade *de dicto/da enunciação* permite-me abordar mais adequadamente a já acima, em 1.1., suficientemente fundamentada rejeição da equivalência entre (I-1) e (I-1').

Torna-se agora claro o que sumariamente pude avançar: em (I-1) opera, como foi delineado em 1.2., uma causalidade *de re/de enunciado* — enquanto que em (I-1') opera entre p e p' uma causalidade *de dicto/da enunciação*. Na verdade, o estado de coisas que fica referenciado em p de (I-1') é invocado como razão/motivo que suporta a inferência/ilacção enunciada em p' — sendo, então, que p' (vazado, de resto, em EN independente) constitui a asserção dominante, para que se orienta o complexo articulado “p; por isso/por consequência p'”.

1.3. Escrevi no fecho do parágrafo com que remata o ponto 1.1. que os ENs-I apresentam tipicamente como traço saliente a orientação para o *encarecimento* do estado de coisas desenhado em p.

1.3.1. Convirá dar a esta formulação uma versão mais adequada, que será a seguinte: o *objectivo comunicativo-informativo* perseguido na enunciação dos ENs-I é tipicamente *a asserção do encarecimento do estado de coisas capturado em p*.<sup>10</sup>

Este traço é verdadeiramente dominante na estruturação e no funcionamento típico dos ENs-I.

Poder-se-ia pensar que o segmento p' constitui uma *justificação enunciativa* de p — e que, portanto, nos ENs-I encontramos a articulação de dois actos ilocutórios assertivos: o primeiro, realizado em p, seria o *acto principal*,

<sup>10</sup> Ver, entretanto, 1.3.1.1..

servido por um segundo, concretizado em  $p'$ , que deteria o estatuto de *acto subordinado de justificação*.

Uma tal configuração, hierarquizada, ilocutório-funcional encontraria explicitação nas seguintes soluções para, por exemplo, (I-2) e (I-3):

(I-2') Digo que o Zé tem muitas preocupações porque não consegue dormir

(I-2'') O Zé tem muitas preocupações, e digo isto porque ele não consegue dormir

(I-3') Digo que o Zé trabalha muito porque anda sempre cansado

(I-3'') O Zé trabalha muito, e digo isto porque ele anda sempre cansado.

A aceitação destas soluções como equivalentes àqueles ENs redundaria, como se vê, em atribuir ao segmento  $p'$  uma causalidade *de dicto/da enunciação* — da enunciação de  $p$ /do acto ilocutório realizado em  $p$ .

Quero, entretanto, salientar que (I-2'/2'') e (I-3'/3'') *não constituem soluções equivalentes* de, respectivamente, (I-2) e (I-3).

As soluções seguintes, embora captem a causalidade *de re/de enunciado* que opera nestes ENs, não são ainda plenamente equivalentes aos ENs de partida — basicamente porque conduzem mais exactamente a um EN equivalente a uma (consecutiva) conclusiva, já acima considerada:

(I-2''') Digo que o Zé tem muitas preocupações e (digo também) que por isso/como consequência disso ele não consegue dormir

(I-3''') Digo que o Zé trabalha muito e (digo também) que por isso/como consequência disso ele anda sempre cansado.

Está, entretanto, disponível uma solução verdadeiramente equivalente para os ENs (I-2) e (I-3). Antes, porém, de a introduzir, convirá avançar que nos ENS-I o estado de coisas que preenche  $p'$  é utilizado não estrita e prioritariamente na sua condição de consequência do estado de coisas que se recorta em  $p$ , antes como *medida* para a quantificação desse estado de coisas (ou de algum dos seus termos)<sup>11</sup>. Mais exactamente: não é a asserção dessa consequência de  $p$  o que é basicamente proposto em  $p'$  (e no EN), antes nele

---

<sup>11</sup> Ver 1.3.2. e seguintes.



se invoca essa consequência para objectivar a ordem de grandeza que afecta o estado de coisas recortado em p. Por outras palavras: a informação de que p' constitui consequência/efeito de p é secundarizada, passando para o primeiro plano a indicação de que tal consequência/efeito é invocada para a quantificação de p. Especifico que esta formulação pretende exactamente concretizar o conteúdo de uma outra acima produzida, na qual sublinhei que nos ENS-I não há uma orientação para a expressão da causalidade, sendo antes que esta é usada como meio para a quantificação do estado de coisas referenciado em p, que corresponde ao objectivo comunicativo-informativo para que estão globalmente orientados os ENS-I.

Temos, assim, como soluções verdadeiramente equivalentes aos ENS (I-2) e (I-3) as seguintes:

(I-2''') Digo que o Zé tem muitas preocupações e (digo também) que o facto, que daí decorre, de ele não conseguir dormir dá bem a medida dessas preocupações

(I-3''') Digo que o Zé trabalha muito e (digo também) que o facto, que daí decorre, de ele andar sempre cansado dá bem a medida disso/do muito que ele trabalha.

Estamos, assim, aptos a concluir que os ENS-I são marcados, como já acima avancei, por uma orientação clara para o encarecimento do estado de coisas configurado em p — encarecimento esse que fica vazado num acto assertivo que corresponde ao objectivo comunicativo (ou comunicativo-informativo) perseguido na produção desses mesmos ENS-I; por sua vez, o segmento p' desses ENS realiza também um acto assertivo coordenado ao que tem lugar em p, sendo que nele se desenha um conteúdo proposicional que é avançado, não na sua estrita condição de consequência/efeito do estado de coisas que fica referenciado em p, antes como *medida* da ordem (elevada) de grandeza que afecta esse mesmo estado de coisas.

Acho conveniente acrescentar que o que acabo de registar pode, ainda, ser comprovado através de procedimentos de retoma e/ou de encadeamento aplicados sobre os ENS que nos ocupam, como os que ilustro de seguida com base, de novo, em (I-2) e (I-3). Vejam-se as seguintes sequências:

(S-1): A — O Zé tem tantas preocupações que não consegue dormir

B — Eu também já lhe disse isso/já lhe disse que ele tem preocupações de mais

(S-2): A — O Zé trabalha tanto que anda sempre cansado

B — Eu também já lhe disse isso/eu também já lhe disse que ele trabalha de mais.

Nos ENs que preenchem a intervenção de B, o substituto anafórico (*isso*) retoma exclusivamente (ou, pelo menos, predominantemente) o segmento p, e o verbo *dizer* explicita/retoma o valor assertivo realizado nesse segmento/dominante no todo do EN; o quantificador *de mais* explicita a intensificação que se contém em p dos ENs que preenchem a intervenção de A e dá conta da orientação básica de tais ENs para p.

Avançarei que, mais adiante, em 1.7. e em 1.7.1. — e também em 1.8.3.3. —, juntarei a estas outras provas do que ficou registrado como o funcionamento típico dos ENs-I.

1.3.1.1. Quero anotar de imediato que condições co(n)textuais podem fazer — e tal acontece, na verdade, com elevada frequência — com que, nos ENs-I, à orientação sobre p se junte uma orientação de tipo basicamente informativo sobre p' — ou seja, que a informação recortada em p' se situe em primeiro plano. Por exemplo, em resposta a uma pergunta como

— Onde está o Zé?,

ENs como

— Doía-lhe tanto a cabeça que foi ao hospital

— Estava tão cansado que não veio trabalhar,

sem deixarem de conter a orientação de base já caracterizada, isto é, a orientação para o encarecimento do estado de coisas recortado em p, apresentam claramente o estado de coisas desenhado em p' como informação de primeiro plano, porque especificamente convocada/solicitada no cotexto.

1.3.2. A orientação básica, no funcionamento típico dos ENs-I, para o encarecimento do estado de coisas configurado em p encontra expressão imediata nos quantificadores/intensificadores presentes nesse segmento. No entanto, ela radica verdadeiramente na natureza particular do estado de coisas recortado em p' tanto quanto no papel específico que tal estado de coisas é chamado a preencher na sua articulação com p.

Tal estado de coisas constitui, como sabemos, ‘consequência’ de p. O conhecimento do mundo fornece-nos a base para a construção de correlações/proporções do tipo causa-consequência — sendo, então, que a ‘consequência’ serve bem de *padrão de medida* para o desenho/avaliação da correspondente ‘causa’. Ora, justamente, e como já acima ficou devidamente sublinhado, este é o papel específico que é chamado a desempenhar nos ENs-I o estado de coisas capturado em p’.

Compreende-se, assim, que as consecutivas-I se aproximem nesta base — e já não apenas em aspectos de índole meramente formal, como o acima assinalado em 0.1. — das comparativas. Também estas comportam um segmento p’ — o *comparante* — que é invocado como *medida* para a determinação da intensidade que afecta o estado de coisas referenciado em p. Observarei, a este propósito, que os quantificadores mais correntemente presentes em p — *tão/tanto* — são exactamente os que ocorrem nas comparativas de igualdade — sendo, então, que o paralelismo entre consecutivas e comparativas deve ser estritamente referido às comparativas de igualdade.

Importa, entretanto, lembrar que a invocação de uma ‘consequência’ está nos ENs que comportam uma consecutiva-I ao serviço do *encarecimento*, como acima já registei, do que se referencia em p. Por esta razão, estas consecutivas apresentam uma orientação enfatizante, devendo, assim, ser preferentemente aproximadas das comparativas que, em estudo anterior, caracterizei sob a designação de *emblemáticas* ou *polares*. De resto, nesse mesmo estudo, anotei devidamente um tal paralelismo.<sup>12</sup>

O que acabo de salientar conecta-se também com o que acima registei a propósito do carácter catafórico que atribuí ao segmento p a que se articula uma consecutiva-I. Vemos, agora, que o estado de coisas recortado em p’, servindo de medida para a identificação/objectivação da ordem de grandeza/quantificação desenhada em p, *resolve* essa catáfora inscrita em p. Não deixarei de registar que o mesmo tem lugar, mais uma vez, nas comparativas — e, mais uma vez também, em particular nas comparativas de igualdade: também o segmento *comparado* apresenta um carácter catafórico, sendo que o *comparante resolve* essa catáfora, objectivando/identificando a ordem de grandeza/quantificação inscrita naquele primeiro termo.

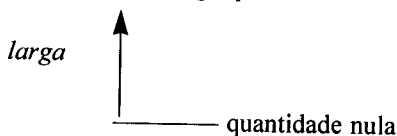
---

<sup>12</sup> Ver, FONSECA, J. — *Sintaxe-Semântica e Pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas*, «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Vol. I, Porto, 1985 (Também in FONSECA, J. — *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, «Coleção Linguística/Porto Editora», n.º 1, Porto, 1993).

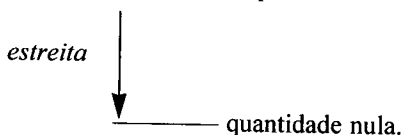
1.4. Como salientei, o segmento  $p'$  é suscitado como medida para determinar/objectivar a quantificação do estado de coisas (ou mais imediatamente de algum dos seus termos) referenciado em  $p$ .

Devo, então, dizer que os ENs em análise comportam uma instrução para um trajecto a percorrer numa escala — na escala ‘das grandes quantidades’ (construída com referência a  *muito*  e teoricamente aberta ao infinito) ou na escala ‘das pequenas quantidades’ (construída com referência a  *pouco*  e orientada para a quantidade nula)<sup>13</sup> — para aí situar a ordem de grandeza entendida pelo locutor. Sendo, como também já anotei, esta instrução marcada por uma orientação intensiva, aquela ordem de grandeza localizar-se-á/tenderá a localizar-se, em função do estado de coisas que preenche  $p'$ , num ponto vizinho do  *extremo*  de cada uma daquelas escalas. A seguinte representação convirá, assim, a ENs como (I-1) e (I-5):

(I-1) A mesa é tão larga que não cabe na sala



(I-5) A porta é tão estreita que a mesa não passa



Ter-se-á reparado em que a antonímia ‘largo’/‘estrito’ se deixa capturar em termos de oposição das respectivas escalas, situando-se justamente ‘largo’ (que é o termo positivo/não marcado do contraste antinómico) na escala das grandes quantidades, e ‘estrito’ (termo negativo/marcado da mesma relação de oposição) na escala das pequenas quantidades.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Ver RIVARA, R. — *Le système de la comparaison. Sur la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris, 1990, sobretudo págs. 82-93. Anotarei que aquelas escalas são desenhadas pelo termo quantificado e/ou pelo quantificador que se lhe aplica.

<sup>14</sup> Ver RIVARA, R. — *Ob. cit.*. Convirá ter presente que, ao lado das escalas referidas (catalogadas pelo Autor como unidimensionais), há que reconhecer, em sintonia com certos outros tipos de pares opositivos, escalas (ditas bidimensionais) que apresentam um recorte diverso.

Virá a propósito registar que aquela instrução, correspondente à quantificação desenhada, 'para um percurso a efectuar (no sentido ascendente ou descendente) numa dada escala' é particularmente clara em ENs-I em que surge a expressão intensificadora *ao ponto de/até ao ponto de*, em que é bem perceptível uma dimensão semântica de índole topológica, direccional-locativa:

(I-6) O Zé estava distraído *ao/até ao ponto de* não ver o que se passava mesmo ao seu lado

(I-7) O Zé precipitou-se *ao/até ao ponto de* as considerações que fez constituírem verdadeiro absurdo.

1.5. Destaquei já devidamente que nos ENs-I em análise se estabelece/constrói uma correlação causa-consequência entre os estados de coisas capturados em *p* e em *p'*.

Deste modo, *p* abre certamente uma expectativa (que casa bem com o seu carácter catafórico, já acima assinalado)<sup>15</sup> quanto à gama de possibilidades referenciais a preencher por *p'*: os estados de coisas capturados em *p'* manterão com os referenciados em *p* uma particular conveniência, assente no conhecimento do mundo e na avaliação que dele fazemos tanto quanto nas expectativas que ele autoriza — particular conveniência essa que é manifestação da *coerência* dos produtos verbais.<sup>16</sup>

Esta conveniência é balizada seguramente por um limiar que poderei desenhar na seguinte formulação: *p'* referenciará um estado de coisas susceptível de ser tomado não apenas como efeito/consequência do estado de coisas configurado em *p*, mas também, e particularmente, como efeito/consequência minimamente *proporcional* à ordem de grandeza atribuída a esse mesmo estado de coisas. De resto, só nesta base tal efeito/consequência pode

---

<sup>15</sup> Convém observar que esta expectativa pode ser suspensa/contrariada, projectando-se antes em *p'* um estado de coisas que constitui uma *contra-expectativa*. Ver, na sequência da exposição, outras referências a esta dimensão de contra-expectativa.

<sup>16</sup> Sobre esta propriedade básica dos produtos verbais — do sintagma ao texto/discurso —, ver FONSECA, J. — *Coerência do Texto*, «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Vol. V, Tomo I, Porto, 1988 (Também in FONSECA, J. — *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, «Colecção Linguística/Porto Editora», n.º 1, Porto, 1993) e FONSECA, J. — *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, ICALP, 1992.

revelar-se como medida da ordem de grandeza que apresenta o estado de coisas referenciado em p, e, portanto, funcionar como objectivação/identificação dessa ordem de grandeza.

Direi, mais exactamente, que tal ordem de grandeza tem de apresentar-se como a que se afigura como *pelo menos igual* à que se considera *suficiente* para que o efeito/consequência expresso em p' tenha lugar. Convirá realçar que esta formulação envolve na expressão “pelo menos igual” uma clara proximidade com a comparação de igualdade — o que, como se vê, assinala bem o paralelismo próximo, já acima apontado, entre consecutivas e comparativas de igualdade.

1.6. Não colide seguramente com a proporcionalidade referida que em p' sejam invocados estados de coisas marcados, eles também, por diferentes ordens de grandeza a partir do limiar acima especificado. Dada a já assinalada orientação encarecedora de p que comanda a invocação de p', uma perspectivação intensiva do que neste segmento se captura só pode constituir um reforço daquela mesma orientação encarecedora.

Uma tal perspectivação intensiva de p' obtém-se por vias diversificadas, onde cabem quer a invocação de consequências hiperbolizadas quer um reforço marcado por quantificadores adequados ou por operadores específicos como *até/até mesmo* (ou os seus correspondentes negativos: *até nem/nem sequer/nem mesmo*).<sup>17</sup> Em qualquer das modalidades que revista esta perspectivação intensiva de p' recorta-se regularmente a ultrapassagem, mais ou menos acentuada, de uma expectativa de mera plausibilidade, situando-se não raro os estados de coisas invocados na esfera de ‘mundos possíveis’<sup>18</sup>. Os seguintes exemplos triviais assinalam isso mesmo e assinalam também que ao conhecimento do mundo anda sempre agregada a sua avaliação, que é também projectada na invocação de p':

(1-8) Estava tanto frio

+ ▲ que ninguém saiu de casa  
 — ▼ que poucas pessoas saíram de casa

<sup>17</sup> Ver, entretanto, o número seguinte. Ver também a Nota 6.

<sup>18</sup> Também neste aspecto é flagrante a convergência entre as consecutivas em análise e as comparações emblemáticas ou polares, que invoquei acima, em 1.3.. Ver o meu estudo referenciado na Nota 12.

(I-9) Estava um nevoeiro tão cerrado

+ ▲ que não se via nada  
 que não se via 5 metros à frente  
 - ▼ que não se via 50 metros à frente

(I-10) O Zé anda sempre tão preocupado

+ ▲ que nem consegue dormir  
 - ▼ que tem dificuldades em dormir.

1.7. A particular relação, antes suficientemente caracterizada nas várias dimensões que comporta, entre p e p' pode — e deve — ser vista numa outra perspectiva.

Torna-se claro que o que se invoca em p' é jogado pelo locutor como *argumento* para o que em p se captura — ou, mais exactamente, para a ordem de grandeza atribuída a algum dos termos do estado de coisas que em p figura — e que constituirá a correspondente *conclusão*.

É, pois, legítima e adequada a adopção de uma perspectiva argumentativa na caracterização das consecutivas que venho tratando.<sup>19</sup> A eventual presença em p' dos operadores registados no número anterior — que, como se sabe, são *operadores argumentativos* — assinala explicitamente este carácter de *argumento* para uma dada *conclusão* (avanzada em p) que aquele segmento detém. A perspectivização intensiva de p assim — ou por outras vias, também anotadas no número anterior — obtida radica, então, na particular *força argumentativa* que detém o segmento p'.

Não terá escapado à observação que nos ENs-I a conclusão (recortada em p) precede o argumento (dado em p', isto é, na consecutiva).

Observarei ainda que a perspectiva agora adoptada vem confirmar a clara orientação, já atrás apontada, que se desenha nos ENs-I para p: justamente, p' é invocado e jogado como argumento que favorece p como conclusão — que domina no todo do EN. Isso mesmo está subjacente aos mecanismos de retoma e/ou encadeamento referenciados em 1.3.1.: as

<sup>19</sup> Avançarei que esta perspectiva argumentativa (ou, mais exactamente, como assinalarei em tempo oportuno, ilocutória e argumentativa) é a que particularmente convém — ou mesmo a única adequada — à caracterização das consecutivas-II e III, que serão consideradas adiante.

sequências (S-1) e (S-2) mostram exactamente que o que é retomado/o segmento sobre que se encadeia é a conclusão (realizada em p), e não o argumento (realizado em p').

1.7.1. Não deixarei de registar que, por força do encarecimento do estado de coisas capturado em p que nestes ENs se projecta, neles opera uma outra dimensão argumentativa.

Na verdade, dado o traço assinalado, os ENs-I estão orientados para funcionarem globalmente como argumento para uma conclusão neles implícita.

Tomando, por exemplo, o EN (I-2), podemos ver nele justamente um argumento (de elevada força, dada a orientação intensiva agregada ao estado de coisas referenciado em p) para a conclusão (implícita) que formularei de seguida (que, repare-se, converge com um acto ilocutório — de natureza *directiva não impositiva* — que toma como conteúdo proposicional o estado de coisas recortado em p):

- (11) O Zé não devia ter tantas preocupações/preocupar-se tanto/com tantas coisas.

Interessa sublinhar que este acto directivo não impositivo apresenta um carácter derivado, constituindo um *acto indirecto* realizado através do assertivo que em (I-2) é activado.

Registarei que tal acto derivado nos fornece uma prova complementar, a juntar às que avancei em 1.3.1., em favor do que já ficou suficientemente realçado: os ENs-I estão primordialmente orientados para a asserção do encarecimento do estado de coisas capturado em p.

Quero ainda anotar que, a partir da asserção realizada em (I-2), é obtida, igualmente por derivação, uma outra dimensão ilocutória: (I-2) actualiza também, de modo indirecto, um acto de *critica/censura* dirigida ao sujeito do EN, avaliando-se como excessivas as preocupações a que ele se dá. Já se terá reparado em que também através deste acto se evidencia que (I-2) — como todos os ENs-I — tem inequivocamente, no seu funcionamento típico, uma orientação para p. Avançarei que com esta anotação pretendo também preparar uma outra prova de que os ENs-I estão, efectivamente, orientados para p. (Ver, adiante, 1.8.3.3.).

1.8. Quero retomar ainda os ENs-I para analisar as incidências da aplicação de uma negação sobre o segmento p.



1.8.1. Observarei, de imediato, que se trata regularmente de uma *negação polémica*, o que fará de qualquer desses ENs-I, quando o seu segmento p suporta uma negação, uma *réplica, de teor refutativo*, a uma intervenção anterior de um outro locutor. Posso ilustrar sumariamente isso mesmo na seguinte sequência (S-3), em que inscrevo o EN (I-1) numa versão negativa:

(S-3): A — A mesa é muito larga...

B — (Mas) Não é (assim) tão larga (como dizes/pretendes) que não caiba na sala...

Anoto, entretanto, que aqueles mesmos ENs-I, com o segmento p negado, podem também surgir como *reformulação, de teor correctivo*, de uma anterior produção de um mesmo locutor:

(S-4): A mesa é muito larga — mas/embora não (assim) tão larga que não caiba na sala.

Devo salientar o marcado carácter *polifónico* destes ENs negativos. Tal polifonia desenvolve-se aqui sob a modalidade da *fricção/oposição* de vozes (da voz de um outro locutor, na refutação; da voz emitida num momento anterior por um mesmo locutor, na reformulação)<sup>20</sup>, e tem como marcas claras não apenas a negação (que já sabemos polémica) como também elementos de retoma do discurso já havido, a que responde ou que corrige, como *assim, como dizes/pretendes*, que fiz figurar nos exemplos dados. Estes últimos elementos são, nestes exemplos, facultativos, mas noutros casos são mesmo obrigatórios para a boa formação do EN.

Registo ainda que para os ENs-I negativos está habitualmente disponível uma realização de p' em EN introduzido por *para/para que*, que constitui o formato típico das consecutivas-III (Ver, acima, 0.2, e, adiante, 3.). Veja-se uma tal solução para (I-1):

(I-1a) A mesa não é tão larga (assim/como dizes) que não caiba na sala

(I-1a') A mesa não é tão larga (assim/como tu dizes) para não caber na sala.

---

<sup>20</sup> Sobre os pontos agora focados, ver FONSECA, J. — *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, ICALP, 1992, «Heterogeneidade na língua e no discurso» e «As articulações discurso-metadiscurso e a sua exploração na didáctica do português como língua estrangeira».

1.8.2. É razoável, e seguramente pertinente, adoptar neste domínio uma atitude descritiva em consonância com a dimensão de implicação/causalidade que marca os ENs-I.

Nesse quadro, a caracterização a fornecer dos ENs que comportam a versão negativa de *p* assentará no seguinte ponto: em tais ENs *nega-se* que *p* constitua razão suficiente para *p*'.

1.8.3. Privilegiarei, no entanto, uma outra abordagem, em clara sintonia com as perspectivas assumidas na caracterização dos ENs-I que preencheu os números precedentes.

Ter-se-á presente que a negação é, genericamente, *um operador de inversão* de uma escala (incluindo as escalas argumentativas) e que anda estreitamente articulada a uma lei do discurso — *lei de abaixamento*, na conhecida proposta de O. Ducrot. Julgo, no entanto, mais adequado falar a este propósito de *transferência de escala* (da escala das grandes quantidades para a escala das pequenas quantidades ou desta para aquela, de acordo com a natureza do elemento a que se aplica a negação).

É particularmente a esta luz que importa caracterizar as incidências de vulto que a aplicação sobre *p* de uma negação tem na organização e funcionamento dos ENs-I.

1.8.3.1. Salientarei, então, que os ENs-I assim marcados assinalam a *recusa*, da parte do seu produtor, de os estados de coisas desenhados em *p*' constituírem — e como tal poderem ser invocados — medida adequada para a quantificação activada em *p* (Tenham-se presentes as considerações desenvolvidas acima, em 1.3.).

Ao mesmo tempo (e por força do que acabei de referir), neles se *mitiga* — *tendendo-se mais exactamente a anular* — a orientação encarecedora dos estados de coisas referenciados em *p* que a versão positiva correspondente conteria. *Tal orientação é, assim, implicitamente declarada como excessiva.*

Este complexo informativo-comunicativo pode ser visto ainda numa outra perspectiva, que formularei do seguinte modo: contém-se na versão negativa de *p* uma instrução que *suspende* a que corresponderia à presente, nos termos propostos em 1.4, na versão positiva, ou, talvez melhor, uma instrução de sentido inverso a esta — no sentido precisamente do 'abaixamento' (na escala das grandes quantidades) ou da 'subida' (na escala das pequenas quantidades) para a correcta determinação da quantificação envol-

vida em p.<sup>21</sup> Sublinharei que o efeito/resultado — ou a orientação — desta instrução converge justamente com a *mitigação/anulação* que referi no parágrafo anterior.

Tudo o que acabei de configurar se torna evidente, se inscrevermos, por exemplo, o EN (I-2a) na sequência (S-5), em que a intervenção B de um outro locutor refuta/corrige (I-2):

(S-5): A (I-2) — O Zé tem tantas preocupações que não consegue dormir

B — O Zé tem, sem dúvida, muitas preocupações, mas não tantas (que não consiga dormir).

Em B, admite-se uma ordem elevada de grandeza, mas recusa-se que ela se situe em ponto correspondente à consequência/medida proposta em p' de (I-2), que é (implicitamente) declarada excessiva, e, por isso, rejeitada.

A consequência imediata desta rejeição não pode ser senão a de que a quantificação atribuída ao estado de coisas configurado em p é *menos elevada/menor* que a que teria lugar na versão positiva correspondente do EN. Se nesta, como se viu em 1.5., a instrução para a quantificação assinala que em p a ordem de grandeza é *pelo menos igual* à que se considera *suficiente* para p', na versão negativa (não-p) assinala-se que essa ordem de grandeza é *menos elevada/menor* que a que se considera *necessária* para p'.

1.8.3.2. Aquele específico papel da negação torna-se também evidente no domínio da coordenação de argumentos avançados em ordem a favorecer uma dada conclusão.

Lembrarei que tal coordenação é regida pela força relativa reconhecida/atribuída aos vários argumentos invocados. Justamente, a negação inverte essa força — levando, assim, a uma ordenação inversa dos argumentos arrolados. É o que permite constatar o confronto entre os ENs-I seguintes (retomo, em versão adaptada, o EN (I-9) acima introduzido):

(I-9') Estava um nevoeiro tão cerrado que não se via 50 metros à frente nem mesmo/nem sequer 5

(I-9'a) Não estava um nevoeiro tão cerrado que não se visse 5 metros à frente nem muito menos 50.

---

<sup>21</sup> Convém ter presente, por uma lado, que este 'abaixamento' na escala das grandes quantidades e esta 'subida' na escala das pequenas quantidades se dá de acordo com o semantismo do elemento quantificado — que se situará numa ou noutra das duas escalas —, e, por outro, que eles conduzem a um 'resultado' equivalente.

1.8.3.3. Resta, neste domínio, observar que, como seria de esperar, a negação aplicada a *p* também tem um efeito de inversão sobre a conclusão (implícita) para que globalmente um EN-I possa servir de argumento. (Ver, acima, 1.7.1.).

Bastará, para o evidenciar, retomar o EN (I-2) e fornecer dele uma versão em que *p* surja negado:

(I-2a) O Zé não tem assim tantas preocupações que não consiga dormir.

A conclusão (implícita) que este EN, globalmente considerado, favorece não pode ser senão a anulação do acto de crítica/censura que, em 1.7.1., vimos ser activado, e realizar-se de modo indirecto, a partir da asserção configurada em (I-2).

Como avancei naquele número, o que agora se referiu constitui uma outra prova de que os ENs-I estão orientados para *p* — verificando-se, pois, que esta mesma orientação também tem lugar quando o segmento *p* destes ENs é negado.

1.8.4. A aplicação da negação sobre *p* nos ENs-I tem, como também seria de esperar, incidências de vulto no que tange às implicações que esse segmento desencadeia — e, portanto, sobre a conexão entre *p* e *p'*. Relembraei que, como se referenciou devidamente acima, *p* e *p'* são percorridos por uma relação de implicação.

Retomo alguns dos exemplos já fornecidos para contrastar a versão positiva (de *p*) com a versão negativa. Começo com o EN (I-1):

(I-1) A mesa é tão larga que não cabe na sala

(I-1a) A mesa não é tão larga que não caiba na sala.

O segmento *p* arrasta em (I-1) a verdade de *p'*: é verdade que 'a mesa não cabe na sala'.

Por sua vez, em (I-1a), não-*p* arrasta a falsidade de *p'*: é falso que 'a mesa não caiba na sala'.

Este comportamento é regular, podendo ser esquematizado como segue:

Afirmação de *p* → verdade de *p'*

Negação de *p* → falsidade de *p'*.

Observarei que, dada a proximidade, no que respeita a relações de implicação, entre causais e condicionais<sup>22</sup>, o que se acaba de esquematizar pode formular-se com referência à seguinte correlação: se se verifica “se p, então q”, será de esperar que se verifique também “se não-p, então não-q”. Ou melhor: quem assera “se p, então q” não pode deixar de aceitar que “se não-p, então não-q”. De resto, como se sabe, o entendimento do que se exprime naquela primeira formulação — “se p, então q” — desliza com naturalidade para o que se expressa na segunda — “se não-p, então não-q”.

1.9. Como acima, em 0.1., ficou referido, o segmento p' é regularmente posposto ao segmento p. Há, no entanto, que registar um caso em que o efeito/consequência (p') é anteposto à expressão da causa (p) — dando lugar ao que por vezes é designado de “consecutivas invertidas”.

Tal acontece no domínio dos ENs-I e dos ENs-II. Ilustro aqui o caso respeitante aos ENs-I<sup>23</sup>: o segmento p, posposto a p', é introduzido pelo quantificador *tal/tão/tanto/de tal modo/de tal forma*, não tendo lugar a actualização do elemento *que* que perfaz o morfema descontínuo típico dos ENs que comportam uma consecutiva — mais exactamente, dos ENs-I. Por estas razões, a solução em referência afasta-se inequivocamente do formato típico, padrão, dos ENs que comportam uma consecutiva, devendo ser localizada numa zona claramente marginal. Exemplifico:

- (I-11) Ficaram todos molhados,  
 — tal/de tal modo foi a chuvada que apanharam  
 — tão grande foi a chuvada que apanharam  
 — tanta foi a chuva que apanharam.

- (I-12) Ninguém foi à praia,  
 — tal/de tal modo era o frio  
 — tão grande era o frio  
 — tanto era o frio.

Resta acrescentar que, vazados nesta solução, os ENs-I apresentam inequivocamente uma orientação para p' — e não para p, como vimos acontecer, tipicamente, no formato padrão daqueles mesmos ENs.

<sup>22</sup> Ver Nota 7.

<sup>23</sup> Para os ENs-II, ver adiante, 2.5.

1.10. Como anunciei oportunamente, deixo para mais adiante — em 5. — a apresentação e caracterização de soluções aparentadas dos ENs que comportam uma consecutiva-tipo I.

2. Passo, agora, a caracterizar o segundo tipo de consecutivas — consecutivas-II — já acima, em 0., referenciadas e sumariamente ilustradas com o EN (2).

Retomo, então, em (II-1), esse EN, e junto alguns outros exemplos, vazados em ENs que designo de ENs-II:

(II-1) Está tanto frio que não devias sair de casa

(II-2) Vives aqui tão perto que devias/bem podias vir visitar-me todos os dias

(II-3) Andas tão deprimido que devias consultar um psiquiatra

(II-4) Ganhas tão bem que devias/bem podias viver melhor.

2.1. Embora realizada em ENs de formato similar àqueles em que se actualiza uma consecutiva-I, a consecutiva-II dela difere em aspectos centrais. Salientarei, em particular, que, por um lado, nos ENs-II a correlação causa-consequência se configura, como acima, em 1.2., já ficou registado, sob modalidade diversa da que vimos projectar-se nos ENs-I, e que, por outro lado, neles o segmento  $p'$  (a consecutiva) não é especificamente invocado para o encarecimento de  $p$  — embora, diga-se desde já, tal encarecimento tenha também naturalmente lugar.

2.2. Algumas das considerações avançadas antes, nomeadamente em 1.2., realçaram já suficientemente que a dimensão de causalidade que conecta nos ENs-II  $p$  e  $p'$  tem esta forte especificidade:  $p$  é invocado como *razão do acto ilocutório que o locutor realiza em  $p'$ /razão da enunciação de  $p'$* . Trata-se aqui, como sabemos já, de uma causalidade *de dicto/da enunciação*.

Estas formulações indiciam que a perspectiva adequada para o tratamento dos ENs-II é a que considera as dimensões ilocutória e argumentativa das produções verbais.

2.2.1. Do ponto de vista ilocutório, ressalta que nestes ENs se realiza uma sequência de dois actos diversos: o primeiro — vazado em  $p$  — avança uma *justificação enunciativa*, constituindo um *acto subordinado*, que pre-

para, legitima... a enunciação de um segundo, moldado em p'. Este último é, assim, o *acto principal* — aquele que corresponde ao objectivo comunicativo visado pelo locutor na produção verbal que realiza. Vejam-se as soluções seguintes dos ENs-II acima apresentados, em que se explicitam os aspectos agora focados:

- (II-1') *Digo* que não devias sair de casa *porque* está muito frio
- (II-2') *Digo* que bem podias vir visitar-me todos os dias *porque* vives aqui muito perto
- (II-3') *Digo* que devias consultar um psiquiatra *porque* andas muito deprimido.
- (II-4') *Digo* que bem podias viver melhor *porque* ganhas muito bem.<sup>24</sup>

Estas soluções explicitam claramente também que a orientação discursiva que marca os ENs-II não é dirigida para p (como vimos acontecer nos ENs-I, em que se visa o encarecimento de p), antes para p' — de resto, como se nota, em sintonia com a circunstância de em p' se consumir o *acto ilocutório principal* que tem lugar nos ENs-II. A seguinte sequência mostra-o muito claramente, através de procedimentos de retoma e/ou de encadeamento (à semelhança dos que já utilizei, em 1.3.1., para os ENs-I):

- (S-6) Andas tão deprimido que devias consultar um psiquiatra. Já to disse, mas teimas em recusar fazê-lo/ir a um psiquiatra.

Em sintonia com este traço, verifica-se que p' não cumpre nos ENs-II a função primeira que preenche nos ENs-I: agora, a invocação de p' não visa prioritariamente — nem muito menos em tal se esgota — servir de medida para a determinação/objectivação da ordem (elevada) de grandeza do estado de coisas configurado em p; esta ordem (elevada) de grandeza é antes jogada como justificação — como argumento (justificativo)<sup>25</sup> — subordinada à consecução adequada — e sobretudo legitimada e eficaz — do acto ilocutório realizado em p'.

---

<sup>24</sup> Na explicitação apresentada, utilizei o verbo ilocutório genérico *dizer*. Mais adiante, em 2.2.5., introduzirei os valores ilocutórios específicos realizados em p'. Outras paráfrases possíveis são facilmente construídas à semelhança das que propus acima, em 1.2., para os ENs (6), (8) e (10) aí considerados.

<sup>25</sup> Ver o número seguinte.

De qualquer modo, importa insistir em que é justamente a ordem elevada de grandeza atribuída a *p* que é invocada para a enunciação de *p'*: em *p* está configurada uma quantificação que se considera *peelo menos igual* à julgada *suficiente* para a enunciação ajustada de *p'*. (Cf., acima, 1.5.).

Convirá, entretanto, lembrar que nos ENs-I não está desenhada a hierarquia funcional-ilocutória que se verifica nos ENs-II — até porque, como já se anotou, neles se projecta um único acto ilocutório: uma asserção (encarecedora de *p*).

2.2.2. As formulações contidas em 2.2.1. relevam claramente da *coerência pragmático-funcional* do discurso — da particular conveniência que entre si mantêm os actos ilocutórios em sequência, aqui num discurso monológico resumido a um EN.

Aquelas formulações deixam, entretanto, também significar que o que de modo saliente opera nos ENs-II é globalmente uma *actividade argumentativa* — sendo que no acto justificativo (realizado em *p*) da enunciação de *p'* o locutor joga o seu conteúdo proposicional como *argumento* para uma *conclusão*, que se recorta em *p'* — em que se realiza, como vimos, o *acto principal* contido em tais ENs.

Repare-se em que encontramos nos ENs-II a ordenação argumento-conclusão, que é inversa (para além de ser também de natureza diversa) da que está presente, como se viu acima, em 1.7., nos ENs-I.

Julgo ter ficado claro que esta diversa ordenação dos termos argumento-conclusão está em sintonia com o que em cada um dos tipos de ENs se apresenta como a direcção que tomam: como se viu, nos ENs-I, a orientação é para *p* (o encarecimento de *p*, conclusão servida pelo argumento formulado em *p'*); nos ENs-II, a orientação é para *p'* (a enunciação de *p'*/o acto ilocutório realizado em *p'*, como acto dominante/principal do EN — como conclusão servida pelo argumento formulado em *p*).

É esta inequívoca orientação dos ENs-II para a conclusão realizada em *p'* que permitem justamente comprovar os mecanismos de retoma e/ou de encadeamento utilizados, no número precedente, na sequência (S-6).

2.2.3. Em complemento das considerações já tecidas, haverá que juntar esta outra, de resto, já avançada atrás, mas em que convém insistir: nos ENs-I, a relação entre *p* e *p'* respeita estritamente aos estados de coisas aí recortados, ao conteúdo proposicional de *p* e de *p'*; ao invés, e como também já pude referenciar antes, nos ENs-II, a articulação desses segmentos, não



deixando, obviamente, embora de envolver os estados de coisas, respeita predominantemente à dimensão ilocutória — à *função ilocutória (acto subordinado a/justificativo de p')* preenchida por *p*, e ao acto ilocutório (*principal*) realizado em *p'*.

2.2.4. Um aspecto relevante ainda a considerar nos ENs-II diz respeito à combinatória dos actos ilocutórios que neles têm lugar.

2.2.4.1. O acto subordinado é regularmente, como convém a uma actividade justificativa, um acto ilocutório de tipo assertivo.

Por sua vez, o acto principal apresenta-se insistentemente como acto ilocutório *directivo — impositivo ou não impositivo*.

Os ENs introduzidos acima, em 2., que agora retomo, comportam em *p'* um acto *directivo não impositivo — realizando valores mais específicos, como sugestão, conselho, recomendação*:

- (II-1) Está tanto frio que não devias sair de casa
- (II-2) Vives aqui tão perto que devias/bem podias vir visitar-me todos os dias
- (II-3) Andas tão deprimido que devias consultar um psiquiatra
- (II-4) Ganhas tão bem que devias/bem podias viver melhor.

Nestes directivos não impositivos — como nos directivos em geral — há correntemente uma dimensão de *crítica/censura*, não raro (como em (II-2)) matizada de um traço de *lamento*. Observarei, entretanto, que estes últimos valores ilocutórios activam muito regularmente a derivação de um outro directivo não impositivo, a tomar como *incitamento* dirigido ao alocutário ou a um dado destinatário no sentido de uma *correção* (Ver também 2.2.4.2 e 2.2.4.3.).

Outros valores directivos têm lugar em *p'*, realizando-se aí também de modo directo ou indirecto — tais como *pedido, aviso*, que se reconhecem facilmente nos ENs seguintes:

- (II-5) Estou tão irritado que te peço/agradeço que me deixes em paz.
- (II-6) Os negócios andam a correr tão mal que estão todos avisados de que é preciso aumentar a produtividade.

O acto directivo actualizado em p' pode também apresentar-se como directivo impositivo:

(II-7) Está tanto frio que vais (mesmo) ficar em casa.

Outros tipos de actos ilocutórios podem, entretanto, ser projectados em p'.

O EN (II-8) ilustra a realização de um acto *comissivo* — de *promessa*:

(II-8) Esse assunto é tão urgente

— que não vou ignorá-lo

— que vou agendá-lo para a próxima reunião

— que tenho de o equacionar já.

Este valor comissivo pode também manifestar-se como *oferta* (II-9) ou como *ameaça* (II-10):

(II-9) Estou tão dentro dessa problemática que posso ajudar-te a estudá-la.

(II-10) Estás a ser tão insolente que ainda levas/te dou um puxão de orelhas.

O valor comissivo pode, entretanto, apresentar-se algo ténue, situando-se preferentemente o acto ilocutório no domínio dos assertivos, embora com uma coloração, mais ou menos acentuada, de *predição/previsão*:

(II-11) Somos tão amigos que não havemos nunca de nos zangar/que nada nos há-de separar.

(II-12) O Zé tem já tantos compromissos que certamente hoje não pode receber ninguém.

Valor estrito de *predição/previsão* é inequivocamente o que preenche o EN (II-13):

(II-13) Está um temporal tão forte que o Zé não poderá partir hoje.

Valerá a pena referir que em p' surge também com naturalidade a realização de um *assertivo* (estrito):

(II-14) Sinto-me tão cansado que (te digo que) ando a pensar em tirar umas boas férias.

Como se pôde verificar, e como seguramente seria de esperar, é habitualmente possível explicitar o valor ilocutório de *p'* através do correspondente verbo ilocutório.

Registarei ainda que a realização em *p'* de um assertivo pode vazar-se em interrogação, introduzida pelo verbo *perguntar* ou outro equivalente — em que se actualiza a expressão de dúvida, tipicamente ligada a uma interrogação:

(II-15) A Ana anda tão insatisfeita que eu pergunto(-me) se ela é feliz.

2.2.4.2. Virá a propósito salientar ainda dois aspectos relativos aos valores ilocutórios que se realizam em *p'*.

a. Parecem sobretudo projectáveis no segmento *p'* dos ENs-II valores ilocutórios que desenham uma perspectiva temporal de futuro para a consumação do estado de coisas que preenche o conteúdo proposicional envolvido. É exactamente o que se verifica em quase todos os exemplos avançados: a perspectiva temporal de futuro é a única compatível com os valores ilocutórios de tipo directivo, comissivo e preditivo. Anoto que o valor de crítica/censura, que referenciei atrás como presente (ou mesmo dominante, como no EN (II-2)) nos exemplos que comportam um directivo impositivo ou não impositivo, tem regularmente, como pude já registar, uma dimensão de directividade, perspectivando, deste modo, uma correcção, a que o alocutário é incitado: tal incitamento à correcção recorta necessariamente uma perspectiva temporal de futuro.

Observo que este traço assume tanta importância na configuração dos ENs-II que a mudança num mesmo EN da perspectiva temporal em que se situe o conteúdo proposicional de *p'* projecta ou um EN-I ou um EN-II. Para o ilustrar, retomo (I-10), atrás avançado (Ver 1.6.), confrontando-o com uma versão em que claramente se recorta um EN-II:

(I-10) O Zé anda sempre tão preocupado que não consegue dormir

(II-16) O Zé anda sempre tão preocupado que qualquer dia tem um ataque cardíaco.

Não deixo, no entanto, de realçar que, como de resto o prevê a formulação que acima utilizei e como o comprova o EN (II-14), não estão

excluídos em p' estados de coisas inscritos numa perspectiva temporal diversa da de futuro (e que serão presentes preferentemente em ENS-II em que p' realiza um acto assertivo).

b. Os estados de coisas que preenchem o conteúdo proposicional dos actos de tipo directivo e comissivo revelam-se necessariamente como controláveis: nos comissivos, pelo locutor; nos directivos, pelo alocutário ou destinatário. Ao invés, o valor de predição/previsão é compatível tanto com estados de coisas controláveis como com estados de coisas não controláveis. Nos ENS (II-8), (II-9) e (II-10) encontramos em p' estados de coisas tendencialmente controláveis; no EN seguinte, recorta-se em p' um estado de coisas não controlável:

(II-17) A trovoadá é tão intensa que não tardará a falhar a luz.

2.2.4.3. Já salientei repetidas vezes — e já se pôde, de resto, verificar — que nos ENS-II a correlação causa-consequência entre os segmentos p e p' não respeita estritamente, ao invés do que vimos acontecer nos ENS-I, aos estados de coisas recortados nesses mesmos segmentos.

Acontece, entretanto, que uma particular conveniência se verifica necessariamente entre esses estados de coisas — particular conveniência essa que suporta verdadeiramente a relação de teor justificativo que vimos travar-se entre p e p'.

Importa assinalar que esta particular conveniência se vincula especificamente ao seguinte: p é visto como favorecendo a antevisão de p', como abrindo a expectativa de p', como habilitando a/fazendo esperar p'.

Os ENS-II são, assim, percorridos fortemente (como também os ENS-I, segundo se apontou oportunamente) por uma dimensão de expectativa, activada pelo estado de coisas configurado em p — que deterá, também aqui, como vimos acontecer nos ENS-I, um estatuto de segmento catafórico —, e confirmada/resolvida em p'.

A esta luz se compreenderá facilmente que o valor de crítica/censura, que referenciei acima como agregado ao directivo não impositivo presente em ENS-II, é justamente activado a partir da constatação de que a expectativa aberta/favorecida pelo estado de coisas recortado em p não se confirma em p'. Tal pode ser, então, visto como *contra-expectativa* — sendo que a crítica/censura se apoia justamente na ausência/omissão correspondente a

essa contra-expectativa.<sup>26</sup> Isso mesmo fica claro na seguinte formulação alternativa para, por exemplo, (II-2):

(II-2'') Vives aqui tão perto que *seria de esperar/(se) esperaria* que me viesses visitar todos os dias.

Como se nota, a pressuposição de falsidade que atinge a completiva regida por *seria de esperar/ (se) esperaria* aponta exactamente para uma ausência/omissão, que, na base da consideração de p, constitui uma contra-expectativa: p abre uma expectativa que não tem consumação, tendo antes lugar a situação inversa/contrária à esperada.

Interessa realçar que esta contra-expectativa se vincula à *quebra de um nexu implicativo* — justamente do nexu implicativo correspondente à dimensão de implicação que, como apontei acima, percorre os ENs que comportam uma consecutiva. No caso em apreciação, “viver aqui tão perto” exprime uma condição suficiente para o conseqüente “tu vens visitar-me todos os dias”. Ora, precisamente, naquele EN (II-2), o conseqüente subtrai-se à regularidade que corresponde ao nexu implicativo.<sup>27</sup>

Registarei que esta quebra de nexu implicativo/quebra de regularidade a que se vincula a realização do valor de contra-expectativa assinalado obtém regularmente para o segmento p' um marcado efeito focalizador ou um acréscimo informativo-comunicativo.

2.3. Passarei agora em revista as incidências sobre os ENs-II da aplicação da negação sobre o seu segmento p.

<sup>26</sup> São particularmente interessantes e intrincadas as relações entre os valores ilocutórios directivo e de censura/crítica (e também de lamento). Ver sobre tais relações os seguintes três estudos: FONSECA, F. I. — *Subjonctif et impératif en portugais. Une contribution à l'étude de la configuration linguistique du SOUHAIT, de l'ORDRE, du REGRET et du REPROCHE*, «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Vol. I, Porto, 1984 (também in FONSECA, F. I. — *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao En sino do Português*, «Coleção Linguística Porto Editora», n.º 2, Porto, 1994); FONSECA, J. — “Elogio do sucesso”: a força da palavra/o poder do discurso, «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», vol. IX, Porto, 1992 (Também in FONSECA, J. — *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, ICALP, 1992); FONSECA, J. — «Pragmática dos enunciados vazados nas sequências 'p' e q' e 'p' ou q'», «Diacrítica», n.º 7, Braga, 1992 (Também in FONSECA, J. — *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, «Coleção Linguística/Porto Editora», n.º 1, Porto, 1993).

<sup>27</sup> Ver, mais abaixo, outros casos de realização deste valor de contra-expectativa em ENs que comportam uma consecutiva.

2.3.1. Também aqui esta negação apresenta o estatuto de *negação polémica*, conferindo aos ENs-II negados um marcado carácter *polifónico* (Ver, acima, 1.8.1.; ver também, adiante, 2.3.2.3.). Por outro lado, o que fundamentalmente ressalta é que a negação aplicada a p nos ENs-II traduz o que se pode enunciar da seguinte forma: *nega-se* que o estado de coisas recortado em p constitua razão suficiente para a enunciação de p'.

Envolvendo mais directamente a quantificação que é actualizada em p, direi antes: *nega-se* que a ordem de grandeza atribuída a p seja *suficiente* para que a enunciação de p' seja adequada (ou, numa formulação inversa, mas equivalente: *afirma-se* que a ordem de grandeza atribuída ao estado de coisas recortado em p *não é suficientemente elevada* para que a enunciação de p' seja ajustada — ou, ainda, que essa ordem de grandeza é *menos elevada/menor* que a que se considera *necessária* para que a enunciação de p' seja adequada).

Numa outra perspectiva, fácil de compreender à luz do que ficou contido nos números precedentes, direi também: *nega-se* que o estado de coisas recortado em p se apresente como suficiente para criar a expectativa da enunciação de p' — e sobretudo para legitimar essa enunciação: à luz desse mesmo estado de coisas aquela expectativa da enunciação de p'/a própria enunciação de p' é vista como excessiva/ilegítima.

Invocando, agora, mais directamente a condição de *argumento* que p obtém nos ENs-II para a *conclusão* que p' representa, direi antes: *nega-se* que o estado de coisas desenhado em p possa revelar-se como argumento ajustado para a conclusão que a enunciação de p' constitui, que tal estado de coisas possa favorecer essa mesma conclusão. Melhor ainda: se p constitui argumento para a enunciação de p', então *não-p* revela-se constituir argumento para a conclusão inversa, a saber, *a não enunciação de p'* — a tomar como *indicação do carácter inadequado da enunciação de p'*.

Observe que, desta forma, fica de imediato avaliada como excessiva a quantificação recortada em p. Mais que isso: creio bem que é neste aspecto que radicam as indicações já referenciadas. É o que tratarei de seguida.

2.3.1.1. Importa registar que uma outra perspectiva está ainda disponível para tratar a dimensão dos ENs-II que nos ocupa.

Para a desenhar, convirá ter presente que o segmento p contém a quantificação de um dos seus termos e que esta quantificação tem aqui também uma orientação intensiva: embora, como já assinalai, não se vise prioritariamente nos ENs-II o encarecimento do estado de coisas referenciado em p, este encarecimento é efectivamente activado nesses ENs. Como se explicitou

em 1.4., esta orientação encarecedora ‘resulta’ de uma instrução dada no EN no sentido de se atingir numa escala, e aí localizar, um ponto correspondente ao extremo — ou dele vizinho — dessa mesma escala.

Sendo assim, a negação aplicada a p nega de imediato que a quantificação apontada, por força da invocação da enunciação de p’, seja adequada — ou, nos termos do que já atrás ficou devidamente apresentado, se situe no extremo/próximo do extremo da escala desenhada pelo elemento quantificado — no extremo superior, se se trata da escala das grandes quantidades ou no extremo inferior, se se trata da escala das pequenas quantidades. Em tais circunstâncias, a negação *mitiga, tendendo mais exactamente a anular*, aquela orientação encarecedora (Ver, acima, 1.8.3.1.), tida, como atrás assinalei, como excessiva.

Compreende-se, assim, esta outra formulação: a ordem de grandeza que é afectada ao elemento quantificado de p é declarada como *não justificando* a enunciação de p’. Repare-se em que na formulação que acabei de escrever figura a expressão ‘*não justificando*’ — que me parece sobremaneira adequada, dado que, como sabemos já, p realiza nos ENs-II precisamente um acto (subordinado) de justificação da enunciação de p’/do acto ilocutório (principal) vazado em p’.

Como registei já, no final do número anterior, estou em crer que é naquela negação imediata, acima especificada, que radicam todos os aspectos focados a propósito da configuração negativa dos ENs-II.

2.3.2. As considerações tecidas em 2.3.1. e em 2.3.1.1. são justas, mas deixam um pouco na sombra a dimensão que vimos ser a mais saliente na estruturação e no funcionamento dos ENs-II — a dimensão ilocutória realizada em p’. Na verdade, sobre este aspecto central apenas referi — embora isso já seja apreciável... — que a negação de p estabelece que o estado de coisas desenhado nesse segmento é declarado como não constituindo razão suficiente/argumento bastante ou ajustado para a legítima enunciação de p’ ou, na formulação que privilegiei, como não justificando a enunciação de p’.

Quero, entretanto, pôr em destaque que do que acabei de observar deriva um efeito comunicativo singular, que traduzirei do seguinte modo: a negação de p configura, nos ENs-II, uma *negação ilocutória* concernente a p’.

Para o explicitar e ilustrar, bastará retomar, em versão negativa, os ENs (II-1a) e (II-2a) e anexar-lhes as soluções (equivalentes) (II-1a’) e (II-2a’), construídas à semelhança do que já adoptei acima, por exemplo, em 2.2.1. Teremos, assim:

- (II-1a) Não está tanto frio (assim) que não devas/devas não sair de casa
- (II-1a') *Não digo* que não devas sair de casa porque não está tanto frio assim
- (II-2a) Não vives aqui tão perto (assim) que possas/devas vir visitar-me todos os dias
- (II-2a') *Não digo* que possas/devas vir visitar-me todos os dias porque não vives aqui tão perto assim.

2.3.2.1. A negação ilocutória em referência foi explicitada através do uso do verbo ilocutório genérico *dizer*.

É, porém, claro que ela pode ser aplicada ao verbo ilocutório que traduza o valor comunicativo específico realizado (directa ou indirectamente) em p'.

Tendo presente alguns dos valores ilocutórios realizados em ENs-II como os que foram apresentados acima, em 2.2.4.1., 2.2.4.2. e 2.2.4.3. — onde se incluíram os ENs (II-1) e (II-2) com que agora mesmo operei — é fácil ilustrar o que acabei de referir com a versão negativa destes mesmos ENs-II:

- (II-1a'') *Não te sugiro* que não saias de casa/ *Não te aconselho* a não saires de casa porque não está tanto frio assim
- (II-2a'') *Não te critico/censuro* por não me vires visitar todos os dias porque não vives aqui tão perto assim.

Para o bom entendimento da projecção a que dei aqui lugar dos verbos ilocutórios sublinhados, deve ter-se em conta o contido nos números anteriores que acima especifiquei — e para idêntico bom entendimento da formulação negativa “por não vires visitar-me todos os dias”, deve atender-se à observação com que remata o número 2.2.4.3.

2.3.2.2. Os exemplos mostram com suficiente clareza que a *negação ilocutória* mais não é aqui que a *anulação* explícita do valor ilocutório que seria realizado no correspondente EN-II positivo.

Devo, então, salientar a correspondência estreita que aqui se dá entre a *anulação* do encarecimento de p que se conteria na versão positiva do EN (Ver 2.3.1.1.) e a agora considerada *anulação* do valor ilocutório que também nessa versão se realizaria.





em que (i) e (ii)/(iii) e (iv) são contrários, e (i) e (iv)/(ii) e (iii) são contraditórios.<sup>28</sup>

2.3.2.3. Devo acrescentar que os ENs-II em que p surge negado ocorrem regularmente em réplicas a uma intervenção anterior de um outro locutor ou em *reformulações de teor correctivo* de uma produção de um mesmo locutor. Aquelas réplicas apresentam-se como *refutações* — quer dos mesmos ENs-II em versão positiva quer de um outro EN que comporte uma orientação argumentativa similar à que poderia conter-se naqueles ENs-II.

A articulação do carácter refutativo ou correctivo destes ENs com o seu carácter polifónico já foi acima, em 2.3.1., devidamente referenciado.

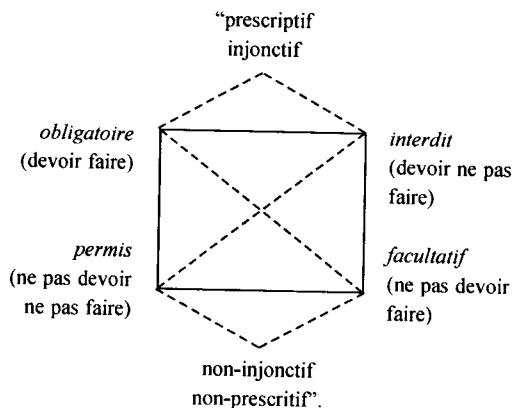
Tomemos as seguintes duas sequências:

(S-7): O Zé anda muito deprimido... — mas/embora não tão deprimido que deva consultar um psiquiatra

(S-8) A: O Zé anda tão deprimido que devia consultar um psiquiatra  
 B: Não acho que ele ande (assim) tão deprimido (como dizes/pretendes) que deva consultar um psiquiatra.<sup>29</sup>

Na primeira sequência (monologal), o locutor reformula, corrigindo-o, o seu primeiro enunciado: tal correcção aplica-se ou sobre uma conclusão

<sup>28</sup> Cf. o quadrado semiótico proposto por POTTIER, B. — *Théorie et Analyse en Linguistique*, Paris, 1992, p. 221:



<sup>29</sup> Para a presença (obrigatória ou facultativa) nestes ENs de elementos de retoma (como *assim, como dizes, como pretendes, como sugeres...*), ver, acima, 2.3.1..

implícita que tal enunciado favorece (que poderá ser exactamente a que se nega no segmento correctivo) ou sobre o grau elevado de grandeza para que aponta o segmento superlativizado nesse mesmo segmento.

Na segunda sequência (dialogal), o EN-II, que preenche a intervenção do locutor B, refuta, sem dúvida, o encarecimento proposto em p da intervenção do locutor A, mas sobretudo o acto ilocutório (principal) que se realiza em p'. Veja-se a seguinte formulação alternativa (e equivalente) para (S-8):

(S-8') Não acho que a depressão com que anda o Zé (seja tal que) *justifique* que consulte um psiquiatra (como tu dizes).

Esta formulação mostra bem duas coisas: em primeiro lugar, e através do segmento que sublinhei, que em p se realiza um acto ilocutório de natureza justificativa da enunciação de p'; em segundo lugar, que a refutação activada no EN-II se aplica predominantemente sobre p' — o que seria de esperar, dado que em p' se realiza, como sabemos, o acto *principal* do EN, isto é, o objectivo comunicativo perseguido pelo locutor. Observarei, entretanto, que no segmento não-p não deixa de haver também uma refutação: esta, porém, está prioritariamente ao serviço da enunciação de p', a ela subordinada, justificando precisamente a refutação (principal) que se realiza em p'/na enunciação de p'.

A intervenção B' poderia inscrever-se na sequência analisada, em vez de B:

B': O Zé anda, sem dúvida, (muito) deprimido, mas não tanto (que deva consultar um psiquiatra).

Nesta intervenção, o locutor admite a ordem elevada de grandeza expressa em p do EN (II-2) produzido por um outro locutor, a que reage, mas recusa, no segmento correctivo, que ela se escalone no grau extremo para que aponta a consecutiva, que é rejeitada — rejeitado/anulado ficando, primordialmente, o acto ilocutório nela projectado.

2.4. Analisarei agora o comportamento dos ENs-II no que respeita às implicações arrastadas por p na sua relação com p'.

As relações de implicação dizem exclusivamente respeito a estados de coisas. Como tenho vindo a sublinhar, nos ENs-II não se estabelece estritamente uma relação entre o estado de coisas recortado em p e o estado de coisas desenhado em p', mas antes uma relação entre aquele primeiro e a enunciação/o acto ilocutório realizado em p'.

Por isso, à primeira vista, não é aqui pertinente/legítimo considerar implicações activadas por p.

Ter-se-á, entretanto, presente que, nos ENs-II, a relação entre p e p' não deixa de respeitar também ao estado de coisas referenciado em p' — pela singular razão de que todo o acto ilocutório tem necessariamente um conteúdo proposicional (ainda que eventualmente reduzido a um termo). Resulta, assim, pertinência/legitimidade bastante para se considerar aquelas relações de implicação entre p e p' nos ENs-II.

Acontece, entretanto, que, como se anotou acima, em 2.2.4.2., parecem quase exclusivamente projectáveis em p' dos ENs-II actos ilocutórios cujo conteúdo proposicional se situe numa perspectiva temporal de futuro. Por essa razão, os estados de coisas convocados apresentam tipicamente uma configuração fortemente marcada por uma dimensão de *virtualidade*.

As observações avançadas aplicam-se de modo similar aos ENs-II em que o segmento p ocorra com formulação negativa.

Se assim é, poderei esquematizar como segue as relações de implicação entre p e p' projectadas nos ENs-II:

Afirmação de p  $\rightarrow$  ? p'

Negação de p  $\rightarrow$  ? p'.

Tal significa que dado p ou não-p, elemento integrante de ENs-II, não é possível especificar como verdadeiro ou como falso o estado de coisas desenhado em p'.

2.5. Interessa referenciar que no domínio dos ENs-II há uma solução em que o segmento p, introduzido por *tal/tão/tanto/de tal modo/de tal forma* (sem que seja actualizado o elemento *que* que perfaz o morfema descontínuo típico dos ENs que comportam consecutiva), é posposto ao segmento p'.

Configura-se, então, um formato idêntico ao introduzido em 1.9. para ENs-I. Pelas razões expostas nesse número, a solução em referência deve ser localizada numa zona claramente marginal, fora do núcleo típico da organização dos ENs que comportam uma consecutiva. Passo a ilustrar sumariamente:

(II-18) Digo-te/peço-te/aconselho-te a/gradeço-te que me deixes em paz, tal/tão grande/tanta é a minha irritação/de tal modo estou irritado.

Observe-se que aqui se mantém a orientação comunicativo-informativa para p' (Cf. 1.9. para os ENs-I).

2.6. Como indiquei oportunamente, considerarei mais adiante — em 6. — soluções aparentadas dos ENs que comportam uma consecutiva-tipo II.

3. Considerarei, agora, as consecutivas-tipo III, também já sumariamente exemplificadas, em 0., no EN (3).

3.1. É bem patente a especificidade formal dos ENs em que se inscreve uma consecutiva-III: o formato em que se molda é diverso do que vimos projectar-se nas consecutivas I e II. Nele tem lugar regularmente, como já apontei em 0.2., a actualização, em p, dos quantificadores *suficiente/suficientemente/o suficiente/o bastante* ou *demasiado/de mais*; por sua vez, o segmento p' é introduzido também regularmente por *para/para que*, surgindo eventualmente, como se especificará em 3.7., reduzido a *para+Nome* (ou elemento nominal).

3.2. Ficou acima devidamente sublinhado que nos ENs que comportam uma consecutiva (I ou II) a ordem de grandeza atribuída ao estado de coisas recortado em p é vista como sendo *pelo menos igual* à que se considere *suficiente* para se revelar susceptível de, à luz do conhecimento do mundo, desencadear como efeito/consequência ou, no caso das consecutivas-I, o estado de coisas referenciado em p' (Ver 1.5) ou, no caso das consecutivas-II, a enunciação de p' (Ver 2.2. e 2.2.1.).

Tal tem também claramente lugar no domínio dos ENs-III, que a este respeito se comportam de modo similar às consecutivas-II.

Os quantificadores *suficiente/suficientemente, o suficiente, o bastante* marcam justamente aquele limiar, ou seja, aquele grau de *suficiência* — configurando uma primeira modalidade das consecutivas-III (modalidade que referenciarei como (IIIa)):

- (IIIa-1) O Zé é suficientemente inteligente/inteligente o suficiente/o bastante para resolver esse problema
- (IIIa-2) A Ana comprou livros suficientes para se ocupar nas férias
- (IIIa-3) Os miúdos brincaram suficientemente/o suficiente/o bastante para estarem contentes.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> ENs como este, e como o anterior, podem não ocasionar uma 'leitura consecutiva' — o que tem inequivocamente a ver com a possibilidade de o que se enuncia no segmento correspondente a p' constituir estado de coisas que active uma intensificação aplicada sobre p. Ver, mais adiante, 3.4 e 3.4.1.

À luz da formulação que abre o presente número, compreende-se que tenham lugar em p quantificadores que assinalam uma grandeza mais elevada que a que corresponde ao grau de 'suficiente.' Marcam exactamente a ultrapassagem dessa grandeza 'suficiente' os quantificadores *demasiado/de mais*, que configuram uma segunda modalidade das consecutivas-III (que referenciarei como (IIIb)). Vejam-se os seguintes exemplos:

- (IIIb-1) A Ana é demasiado perspicaz/perspicaz de mais para não compreender a situação
- (IIIb-2) A Ana tem demasiado trabalho/trabalho de mais para tomar essa tarefa a seu cargo
- (IIIb-3) O Zé porta-se demasiado mal/mal de mais para que a Ana o possa aturar.

3.2.1. Registarei que há não raro uma relação particular entre uma formulação com o quantificador *suficiente* e uma formulação com os quantificadores *demasiado/de mais*: a comutação destes quantificadores exige, para salvaguarda da coerência do que se enuncia, a inversão da polaridade de p'. Confrontem-se os seguintes ENs:

- (IIIa-1') O Zé é suficientemente inteligente para resolver esse problema
- (IIIb-1'') O Zé é demasiado inteligente para não resolver esse problema
- (IIIa-4) A Ana é egoísta o bastante para não gostar de crianças
- (IIIb-4) A Ana é egoísta de mais para gostar de crianças.

3.3. Analisarei agora a natureza da relação de causalidade que percorre os ENs-III.

A questão central reside em apurar se o estado de coisas que se referencia em p constitui razão suficiente para o estado de coisas configurado em p' como efeito/consequência ou se o estado de coisas desenhado em p constitui antes razão suficiente para a enunciação de p'.

Já se terá reparado em que, na primeira daquelas alternativas, estaremos perante a expressão de uma causa *de re/do enunciado*, enquanto que, na segunda alternativa, estaremos em face de uma causa *de dicto/da enunciação*.

Já se terá do mesmo modo reparado em que aquela primeira alternativa aproximaria os ENs-III dos ENs-I (onde justamente vimos operar uma causa

de *re/do enunciado*) — sendo, então, que a segunda alternativa aproximaria os ENSs-III dos ENSs-II (onde vimos operar uma causa de *dicto/da enunciação*).

Julgo bem que, como acima já pude registar, a causalidade que actua nos ENSs-III é similar à que actua nos ENSs-II. Efectivamente, por um lado, não há prioritariamente nos ENSs-III uma orientação para o encarecimento do estado de coisas referenciado em *p* — como vimos ser traço saliente nos ENSs-I e estar secundarizado nos ENSs-II; por outro lado, estão disponíveis para os ENSs-II soluções equivalentes a ENSs-III.

Para o comprovar, darei de seguida, em A, formulações equivalentes de ENSs-III acima introduzidos em que se explicita a presença de uma causalidade de *dicto/da enunciação*, e, em B, formulações equivalentes de ENSs-II já acima utilizados (Ver 2.) projectadas no formato típico dos ENSs-III:

- A: (IIIa-1') O Zé vai resolver esse problema, e digo<sup>31</sup> isto porque ele é suficientemente inteligente
- (IIIa-2') A Ana vai-se ocupar/estar ocupada nas férias, e digo isto porque ela comprou livros suficientes (para tal/isso).
- (IIIb-2') A Ana não vai tomar essa tarefa a seu cargo, e digo isto porque ela tem demasiado trabalho/trabalho de mais.<sup>32</sup>
- B: (II-1') Está suficientemente frio para não deveres sair/não saires de casa
- (II-2') Vives aqui suficientemente perto para poderes/deveres vir visitar-me todos os dias.

Convém observar — e tal não é dispiciendo para a comprovação ensaiada — que estão disponíveis para as soluções averbadas em B formulações do tipo das fornecidas em A:

- B': (II-1'') Não saís/vais sair de casa, e digo isto porque está suficientemente frio
- (II-2'') Podias/devias vir visitar-me todos os dias, e digo isto porque vives aqui suficientemente perto.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> Mais uma vez utilizo o verbo ilocutório genérico *dizer*.

<sup>32</sup> Para a inversão da polaridade que aqui tem lugar no segmento correspondente a *p'*, ver, mais abaixo, 3.5..

<sup>33</sup> Ver também as soluções já propostas em 2.2.1.

3.4. Na base do que ficou apurado em 3.3., há que reconhecer que nos ENs-III, como vimos acontecer nos ENs-II, são actualizados dois actos ilocutórios, adequadamente hierarquizados: em p, realiza-se uma *justificação enunciativa* (de p'), ou seja, um *acto ilocutório subordinado*, que prepara/legítima — *justifica* — a enunciação de p'/o *acto ilocutório principal* que se cumpre em p'.

Não me alongarei sobre este ponto nem tentarei levantar a combinatória possível dos actos ilocutórios que terá lugar nestes ENs-III. Também me dispensarei de acentuar que os aspectos focados envolvem que nos ENs-III, a par do desenho de uma ordem elevada de grandeza (que é particularmente marcada nos ENs-IIIb) para o estado de coisas capturado em p, se recorte primordialmente uma orientação para p' — constituindo a enunciação de p'/o acto ilocutório vazado em p' o objectivo comunicativo perseguido na produção de tais ENs/a conclusão servida pelo argumento formulado em p. (Sobre estes diversos aspectos, todos salientes na estruturação e funcionamento dos ENs-III, ter-se-á em conta o que preenche os números anteriores dedicados à caracterização dos ENs-II).

3.4.1. Os aspectos acabados de focar permitem excluir dos ENs-IIIa (isto é, dos ENs que comportam uma consecutiva tipo III em que operam quantificadores do tipo de *(o) suficiente/(o) bastante*) ENs que apresentam a mesma configuração formal, como

(12) O Pedro ganha o suficiente para viver.

ENs como este não respondem, sob o ponto de vista semântico-pragmático, às propriedades que têm vindo a ser analisadas. Em particular, não há neles, ainda que secundarizada, uma orientação encarecedora (o que põe o problema, já antes focado, da adequação, a salvaguardar, do estado de coisas que deve preencher o segmento p' <sup>34</sup>) nem é possível ver no segmento introduzido por *para* a realização de um acto ilocutório — como vimos ocorrer tipicamente nos ENs-III.

3.5. Considerarei agora as relações entre p e p' dos ENs-III no que tange às implicações arrastadas por aquele primeiro segmento.

---

<sup>34</sup> Ver, acima, 3.2. e Nota 30.



3.5.1. No domínio dos ENs-IIIa — onde opera o quantificador *suficiente* — dá-se a regularidade seguinte:

Afirmção de  $p \rightarrow$  verdade de  $p'$   
Negação de  $p \rightarrow$  falsidade de  $p'$ .

Tal se comprova com a consideração de ENs acima introduzidos em versão positiva, que confronto com a correspondente versão negativa:

- (IIIa-1) O Zé é suficientemente inteligente para resolver esse problema ( $\rightarrow$  é verdade que 'o Zé resolve esse problema')
- (IIIa-1a) O Zé não é suficientemente inteligente para resolver esse problema ( $\rightarrow$  é falso que 'o Zé resolva esse problema')
- (IIIa-2) A Ana comprou suficientes livros para se ocupar nas férias ( $\rightarrow$  é verdade que 'a Ana se vai ocupar/estar ocupada nas férias')
- (IIIa-2a) A Ana não comprou suficientes livros para se ocupar nas férias ( $\rightarrow$  é falso que 'a Ana se vai ocupar/estar ocupada nas férias').

3.5.2. No domínio dos ENs-IIIb — onde operam os quantificadores *demasiado/de mais* — tem lugar a seguinte regularidade:

Afirmção de  $p \rightarrow$  falsidade de  $p'$   
Negação de  $p \rightarrow$  falsidade de  $p'$ .

É o que comprovam os seguintes ENs:

- (IIIb-2) A Ana tem demasiado trabalho para tomar essa tarefa a seu cargo ( $\rightarrow$  é falso que 'a Ana tome essa tarefa a seu cargo')
- (IIIb-2a) A Ana não tem demasiado trabalho para não tomar essa tarefa a seu cargo ( $\rightarrow$  é falso que 'a Ana não tome essa tarefa a seu cargo')
- (IIIb-3) O Zé porta-se mal de mais para que a Ana o possa aturar ( $\rightarrow$  é falso que 'a Ana o atura/o pode aturar')
- (IIIa-3a) O Zé não se porta mal de mais para que a Ana o não possa aturar ( $\rightarrow$  é falso que 'a Ana o não ature/o não possa aturar').

3.6. Como nos ENs-I e nos ENs-II, é também uma *negação polémica* aquela que opera nos ENs-III em que p surge negado.

Daí também que estes ENs sejam actualizados em condições similares às levantadas para a versão negativa dos ENs-II antes analisados, e que cumpram as mesmas funções de refutação ou reformulação correctiva, já acima caracterizadas. Daí também o marcado carácter polifónico que apresentam.

Importa, entretanto, realçar que, embora, como vimos, a causalidade que percorre os ENs-III seja, como nos ENs-II, uma causalidade *de dicto/da enunciação*, a negação de p destes ENs-III não configura em p', ao contrário do que vimos ter lugar nos ENs-II, uma negação ilocutória. Nos ENs-III, a negação de p está tipicamente orientada para a asserção do valor de verdade ou de falsidade que p arrasta — valores esses que se verificam de acordo com o que esquematizei em 3.5.

É isso mesmo o que se comprova se retomarmos, por exemplo, (IIIa-1a) e (IIIb-2a). Estes ENs aceitam como soluções bem formadas e equivalentes, respectivamente, (IIIa-1a') — mas não (IIIa-1a''), onde faço inscrever uma negação ilocutória —, e (IIIb-2a') — mas não (IIIb-2a''), onde faço igualmente inscrever uma negação ilocutória:

- (IIIa-1a') Digo que o Zé não resolve o problema porque não é suficientemente inteligente (para isso)
- (\*IIIa-1a'') Não digo que o Zé resolve o problema porque ele não é suficientemente inteligente (para isso)
- (IIIb-2a') Digo que a Ana toma essa tarefa a seu cargo porque ela não tem demasiado trabalho
- (\*IIIb-2a'') Não digo que a Ana tome essa tarefa a seu cargo porque ela não tem demasiado trabalho (para isso).

Nestas condições, a refutação ou a reformulação correctiva projectadas nos ENs-III em que p surge negado têm como pólo de aplicação o acto ilocutório assertivo que se realiza em p'/na enunciação de p', activando-se, entretanto, aí — onde vimos concretizar-se o objectivo comunicativo da produção de tais ENs — a inversão da polaridade da proposição expressa.

3.7. Como registei acima, em 3.1., os ENs-III construídos com os quantificadores *demasiado/de mais* podem apresentar-se em formato em que o segmento p' está reduzido à expressão *para+Nome* (ou elemento nominal).

3.7.1. Tal expressão pode representar o produto de uma redução do segmento frásico p', por *economia* do predicado desse segmento frásico — sendo, então, que aquele nome se apresenta como o termo correspondente ao sujeito desse mesmo segmento.

Como os exemplos mostrarão, tal *economia* é viabilizada por uma particular conveniência que se dá entre o elemento quantificado de p e aquele predicado (com particular saliência para o verbo que nele figure).

Justamente, essa particular conveniência permite que, enunciado aquele elemento quantificado de p, se perspective com facilidade (na base do conhecimento do mundo e mesmo na base da estrutura léxica da língua) qual seria o predicado/verbo a projectar adequadamente em p'.

Vejamos os seguintes ENs, em que surgem sublinhados os elementos conectados pela relação referenciada, figurando entre parêntesis o predicado/verbo *economizado*:

- (IIIb-5) A rua é demasiado *estreita/estreita* de mais para este carro (*cab*er lá)
- (IIIb-6) Esse *problema* é demasiado *difícil/difícil* de mais para a Ana (*resol*ver/*perce*ber)
- (IIIb-7) O Zé é demasiado *chato/chato* de mais para a Ana (o *supor*tar/*atur*ar)
- (IIIb-8) Este carro é demasiado *caro/caro* de mais para o Zé (o *adqui*rir/*compr*ar).

Formulações alternativas estão, entretanto, disponíveis — em particular, a que contém a nomeação da *dimensão* ou da propriedade tipicamente convocada pelos estados de coisas recortados em p. Vejam-se as seguintes formulações para os ENs acabados de apresentar:

- (IIIb-5') A rua é demasiado estreita para a *largura* deste carro
- (IIIb-6') Este problema é demasiado difícil para a *inteligência/as capacidades intelectuais* da Ana
- (IIIb-7') O Zé é demasiado chato para a *paciência* da Ana
- (IIIb-8') Este carro é demasiado caro para a *capacidade económica/as possibilidades económicas* do Zé.

Não deixarei de anotar que a explicitação do acto ilocutório que, como assinalai oportunamente, se realiza no segmento p' exige alguns retoques na estruturação do EN. Assim, por exemplo, em relação a (IIb-6'), teríamos, entre outras soluções, a seguinte:

(IIb-6'') Digo que as capacidades intelectuais da Ana não são suficientes para (resolver) este problema.

3.7.2. Um outro caso se apresenta neste domínio: o nome ou o elemento nominal pode representar a substituição de todo o segmento frásico p'.

Tal substituição — que, anote-se, também pode realizar-se através do verbo substituto/pró-verbo *fazer* — projecta-se em situações cotextuais específicas, ou seja, quando no cotexto está disponível o segmento frásico. Bastará considerar o segundo EN da sequência (S-9):

(S-9): O Zé não devia beber. Tem demasiadas razões/razões de mais para *isso/tal/o fazer* (= não beber).

Não deixarei de anotar que tal substituição também se pode projectar, em idênticas situações cotextuais, nos outros ENs-III, isto é, naqueles em que a quantificação comportada em p é realizada através de *suficiente/suficientemente...* Para o ilustrar, será suficiente retomar a sequência (S-9) na seguinte versão:

(S-9'): O Zé não devia beber. Tem suficientes razões/razões suficientes para *isso/tal/o fazer*.

3.8. Quero ainda registar que também no domínio dos ENs-III se projectam, embora de modo específico, casos em que o segmento p' é marcado por um valor ou dimensão de *contra-expectativa*.<sup>35</sup>

Tal se verifica no caso em que o quantificador operante em p é (*o*) *suficiente/suficientemente/o bastante*:

(IIIa-5) O Zé estudou o suficiente para tirar melhores notas

(IIIa-6) A Ana tem qualidades bastantes para ser melhor aluna

(IIIa-7) O Zé é suficientemente ambicioso para esperar mais da vida.

---

<sup>35</sup> Este valor já foi acima (em 2.2.4.3.) apresentado no âmbito dos ENs-II e será ainda oportunamente retomado.

Nestes ENs, o locutor *ímplicita* em p' um estado de coisas que não corresponde às expectativas abertas pelo estado de coisas capturado em p. O que fica, então, *ímplicitado* é exactamente uma contra-expectativa — sendo que o locutor revela não aceitar esse estado de coisas ímplicitado, que justamente é visto como representando quebra de uma regularidade/invalidação de um nexu ímplicativo recortada/o em p por força da estrutura consecutiva que comporta o EN.

Situação idêntica é a que se verifica em casos em que o quantificador projectado no EN é *demasiado/de mais*:

(IIIb-9) O Zé é demasiado ambicioso/ambicioso de mais para se contentar com um cargo tão insignificante.

Justamente, também aqui o estado de coisas capturado em p' (ou, mais exactamente, no seu segmento “um cargo tão insignificante”) não corresponde às expectativas abertas por p — o que conduz precisamente à actualização, por ímplicitação, de uma contra-expectativa, que o locutor explicitamente recusa. Ou seja: a cotação baixa assinalada para a função referida não se coaduna com o grau de ambição atribuído ao sujeito — desenhando-se, então, exactamente uma contra-expectativa. De resto, o semantismo do verbo presente em p' (“contentar-se”) é claramente consistente com o valor assinalado.

3.9. Como oportunamente anunciei, considerarei mais adiante — em 7. — soluções aparentadas dos ENs que comportam uma consecutiva-tipo III.

4. Recortados que ficaram com suficiente nitidez os três tipos de consecutivas, passo de imediato ao último ponto deste estudo — ponto esse anunciado em 0. como dedicado à apresentação/caracterização de soluções aparentadas que estão disponíveis sobretudo no âmbito dos ENs-I mas também no dos ENs-II, e ainda, se bem que com muito menor amplitude, no dos ENs-III. Como já ficou indicado, tratarei das primeiras em 5., das segundas em 6, e das últimas em 7..

5.1. Já apresentei, de passagem, em 1.4., uma consecutiva-I (ENs (I-6) e (I-7)) em que intervém a expressão (*até*) *ao ponto de*.

Retomo esta solução para assinalar, com mais alguns exemplos, que este quantificador, por um lado, introduz em bloco a consecutiva — não havendo então, ao contrário do que se passa no formato tomado como refe-

rência para as consecutivas-I, a repartição por p e p' de um morfema descontinuo, e, por outro lado, que ele é particularmente intensivo, suscitando, por isso, em p' um estado de coisas que represente algo claramente excessivo em relação a uma dada média. Vejam-se, então, alguns exemplos:

(I-12) O Zé está irritado (até) ao ponto de fumar sem parar

(I-13) O Zé trabalha (até) ao ponto de se esquecer das horas da refeição

(I-14) O Zé tem livros (até) ao ponto de lhe não caberem em casa.

5.2. A particular conveniência, já suficientemente caracterizada, que conecta nos ENs-I os estados de coisas capturados em p e p' permite a *economia*, no primeiro daqueles segmentos, do termo quantificado e do próprio quantificador:

(I-15) O ferido está que nem se pode ver/imaginar<sup>36</sup>

(I-16) A Ana tem a casa que é um assombro.

(I-17) O Zé diz coisas que é de ficar pasmado

(I-18) A Ana falava que não se percebia nada do que dizia

(I-19) O Zé corre que ninguém o apanha.

Incluo aqui as soluções em que a quantificação (intensiva, como sabemos) é realizada em p por *cada* e *um*:

(I-20) O Zé tem um aspecto que dá pena

(I-21) Está um calor que se abafa

(I-22) O Zé diz cada coisa/cada disparate que é de se ficar pasmado.

Salientarei que o traço ilustrado — *economia* do elemento que receberia em p o quantificador e do próprio quantificador — constitui mais um aspecto a aproximar consecutivas-I e comparações emblemáticas/polares. Também nestas, mercê da particular conveniência que se trava entre o com-

---

<sup>36</sup> Aproveito para anotar, mais uma vez (Ver, acima, Nota 5), que a presença, muito corrente, de *nem* no segmento p' de qualquer dos ENs estudados assinala um reforço da polaridade intendida para o estado de coisas referenciado no segmento p. Anotarei ainda que ele pode ser também reforçado — *até nem/nem mesmo/nem sequer*.

parado e o comparante, a propriedade sobre que se opera a comparação — e o próprio quantificador dessa propriedade — é/são muito correntemente *economizado(s)*.<sup>37</sup>

5.3. Vinculam-se igualmente a ENs-I construções intensivas, muito correntes, como as actualizadas nos ENs seguintes:

(I-23) Está um frio de rachar

(I-24) Foi um espectáculo de estarrecer/de rir até às lágrimas.

Nestas soluções o segmento correspondente a p' é actualizado na sequência *de + Verbo-infinitivo*, dando-se também, em p, a *economia* do quantificador e do termo a que se aplicaria.

5.4. O segmento p (de índole causal, como sabemos) dos ENs-I pode surgir, de acordo com a sua estruturação original, actualizado em *de tão + (Adjectivo + Advérbio)*, em *de tanto + Verbo/de Verbo + (tanto + (tão + Advérbio)* ou ainda em *de tanto + Nome + Relativa*. Tais segmentos podem preceder ou seguir o elemento p' ou intercalar-se entre o sujeito e o predicado do EN. Veja-se:

(I-25) De tão preguiçoso (que é), o Zé chega sempre atrasado às aulas

(I-25') O Zé chega sempre atrasado às aulas de tão preguiçoso que é

(I-25'') O Zé, de tão preguiçoso (que é), chega sempre atrasado às aulas.

(I-26) De tão distraído (que é), o Zé não ouve nada do que se lhe diz

(I-27) De trabalhar tanto/tão intensamente/ de tanto trabalhar, o Zé vai mal de saúde

(I-28) De tantos programas de TV que segue, o Zé anda com dores de cabeça.

Será de assinalar que nestas soluções o segmento correspondente a p aparece actualizado como *adjunto* do EN, cabendo-lhe na estruturação semântico-sintáctica desse mesmo EN uma *função casual de CAUSA* (em

---

<sup>37</sup> Ver, acima, 1.3., e o meu estudo citado na Nota 12.

clara sintonia com a natureza típica de p nos ENs consecutivos a que estas soluções correspondem).

Anotarei ainda que está disponível nestes casos uma solução de teor *causativo* — sendo, então, que o segmento correspondente a p se actualiza como sujeito do EN, afectado à *função casual de CAUSA*; tal elemento é, assim, actualizado como o elemento despoletador/accionador do evento de mudança que tal configuração causativa tipicamente manifesta. Veja-se uma tal configuração causativa, em que intervêm ou auxiliares/operadores causativos ou soluções léxicas causativas, para, por exemplo, (I-25) e (I-28):

(I-25'') O facto de ser (tão) preguiçoso *leva o Zé a/faz o Zé chegar/faz com que o Zé chegue sempre atrasado às aulas*

(I-28') O facto de seguir tantos programas de TV *faz andar/traz o Zé com dores de cabeça.*

5.5. Estão ainda disponíveis realizações de p em (*tão +*) *Adjectivo + como + Verbo predicativo*:

(I-29) (Tão) alegre/satisfeita como andava, a Ana via tudo cor de rosa

(I-30) Trabalhador como era, o Zé não parava um segundo.

Este segmento apresenta uma larga mobilidade, podendo ocorrer no início ou no fim do EN ou intercalar-se entre o sujeito e o predicado — funcionando em qualquer caso como aposto de um nome.

Tendo em conta aquela mobilidade, e tendo ainda em conta que esse mesmo segmento *incide* regularmente ao mesmo tempo sobre um segmento nominal (com que concorda) e sobre o predicado do EN (predicado que é, note-se, o predicado da consecutiva correspondente), com que entretém uma particular conveniência de ordem semântico-pragmática, aquele adjectivo/segmento adjectival funciona como *aposto de incidência dupla*.<sup>38</sup>

Dada a circunstância de que o segmento nominal sobre que, como anotei, *incide* é o sujeito do EN, a aposição recortada cumpre uma *função semântico-pragmática de explicação*, que se objectiva justamente na expressão de uma causa.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Ver FONSECA, J. — *Estudos de Sintaxe, Semântica e Pragmática do Português*, «Colecção Linguística/Porto Editora», 1, Porto, Porto Editora, 1993, «Funções sintácticas e funções semânticas do adjectivo em português».

<sup>39</sup> Ver, de novo, o meu estudo citado na nota anterior.



5.6. Vimos acima, em 1.5., que a matizada relação entre *p* e *p'* no âmbito dos ENs-I envolve o desenho, a partir de *p*, de uma *expectativa*, que se confirma/resolve em *p'*.

Acontece, entretanto, que esta expectativa pode ser gorada, projectando-se em *p'* um estado de coisas que se revela constituir antes uma *contra-expectativa*. Tal tem expressão específica na solução que de seguida apresento:

(I-31) O Zé trabalha tanto e nunca se sente cansado

(I-32) O Zé estava tão irritado e não fumou um único cigarro naquele tempo todo.

Nesta solução opera, como se vê, o coordenador *e*, marcando uma forte contraposição/contraste entre os estados de coisas. Registo que esta contraposição pode com naturalidade ser ali assinalada por *mas* (*mas-PA*).<sup>40</sup>

Verifica-se também aqui (Ver, acima, 2.2.4.3.) que o valor de contra-expectativa actualizado se vincula claramente à *quebra de um nexo implicativo* — do nexos implicativo correspondente à implicação que se desenha, nos termos já acima analisados, nos ENs que comportam uma consecutiva. É aqui muito clara a realização de um efeito focalizador que, como acima já apontei, se junta à dimensão de contra-expectativa actualizada.<sup>41</sup>

5.7. Uma outra solução disponível é a que fica ilustrada nos ENs seguintes, em que o segmento *p* é introduzido pela preposição *com*, que impõe uma estruturação adequada a esse segmento:

(I-33) Com a altura que tem, o Zé chega ao tecto do quarto

(I-34) Com as/tantas preocupações que tem, o Zé não consegue dormir.

Veja-se ainda (I-35):

(I-35) Com o tempo que fazia/com um tempo daqueles/assim, ninguém foi à praia.

<sup>40</sup> Ver DUCROT, O. — *Deux mais*, «Cahier de Linguistique», n.º 8, «Syntaxe et Sémantique du Français», Québec, 1978, e *Analyses pragmatiques*, «Communications», 32, 1980. Para o português, ver BARROS, C. Araújo — *Construções contrastivas em Português*, Porto, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras do Porto, 1986.

<sup>41</sup> Ver, mais abaixo, outros casos de realização do valor de contra-expectativa/quebra de nexos implicativo.

Em (I-35), a quantificação não é explicitada em p, mas os deícticos *daqueles/assim* recuperam dados disponíveis no contexto ou no cotexto.

Observarei que também aqui, como nos casos considerados em 5.4., o segmento correspondente a p deve ser tomado com adjunto do EN, cabendo-lhe igualmente a *função casual de CAUSA*.

Por outro lado, e ainda como naqueles mesmos casos, está disponível uma solução que se vaza em EN causativo — sendo a causalidade marcada ou por auxiliar/operador ou por lexema de configuração causativa. Exemplifico com (I-34), a que equivale a solução causativa (I-34’):

(I-34’) As (muitas) preocupações que tem *levam* o Zé a não conseguir dormir/*fazem com que* o Zé não consiga dormir/*impedem* o Zé de dormir.

5.8. As soluções aparentadas ao formato de base dos ENs-I suscitam uma observação final.

Um dos traços centrais da configuração e funcionamento daqueles ENs foi devidamente caracterizado acima como residindo na orientação que neles se dá para p.

Este traço só está presente nas soluções apresentadas em 5.1., 5.2. e 5.3.. Nas restantes, tal não se verifica — sendo, antes, inequívoca uma orientação para p’.

Nos casos referenciados em 5.4., 5.5. e 5.6., a esta orientação para p’ não é alheia a circunstância de a solução em que fica vazado o segmento correspondente a p constituir/funcionar como adjunto do EN global, cujo núcleo é formado pelo segmento p’.

No caso referenciado em 5.6., a orientação para p’ converge claramente com a saliência que o estado de coisas aí capturado otém por força da *contra-expectativa* que representa. Numa outra perspectiva, direi que é aí que se contém o elemento sob o ponto de vista informativo-comunicativo mais relevante do conteúdo global do EN (o que, como oportunamente salientei, se articula ao efeito focalizador obtido pela quebra de regularidade/nexo implicativo envolvida na *contra-expectativa*), sendo que o segmento correspondente a p recorta tão só um pano de fundo sobre que mais plenamente se recorta o contraste estabelecido.

6. Também no domínio dos ENs-II estão disponíveis soluções aparentadas com o formato padrão que acima foi caracterizado.

6.1. Anoto soluções em que opera o quantificador (*até*) ao ponto de, realizando-se no segmento p' valores ilocutórios já acima referenciados para os ENs-II:

(II-19) Estou intrigado (*até*) ao ponto de perguntar se o Zé diz a verdade toda

(II-20) Estou irritado (*até*) ao ponto de te dizer/pedir/ aconselhar a/agradecer que me deixes em paz.

O quantificador pode também ser realizado por *cada*:

(II-21) O Zé diz cada disparate que mais valia estar calado.

6.2. Uma outra solução concretiza-se na actualização do segmento p em gerundiva:

(II-22) Trabalhando o Zé como trabalha,

— espanta-me que ele não tenha enriquecido

— como é que ele ainda não enriqueceu? <sup>42</sup>

— não sei/pergunto(-me) como é que ele ainda não enriqueceu.

(II-22') Trabalhando como trabalha,

— espanta-me que o Zé não tenha enriquecido

— como é que o Zé ainda não enriqueceu?

— não sei/pergunto(-me) como é que o Zé ainda não enriqueceu.

(II-23) Sendo o Zé trabalhador como é/tão trabalhador, espanta-me que ele...

(II-23') Sendo trabalhador como é/tão trabalhador, espanta-me que o Zé...

---

<sup>42</sup> Para uma análise destas interrogativas (retóricas) ver FONSECA, J. — *Pragmática das perguntas 'como p, se q?' e 'como não p, se q?'*, «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Vol. X, Porto, 1993.

Facilmente se nota que nos ENs que acabei de introduzir o segmento p' (que se pode realizar, como se viu, em pergunta retórica) comporta a indicação de uma *contra-expectativa*.<sup>43</sup>

Poderei fazer contrastar estes casos com outros em que, ao invés, se activa em p' uma *predição/previsão* correspondente a uma *expectativa* desenhada pelo estado de coisas capturado em p:

- (II-24) Trabalhando como trabalha/trabalhador como é,  
— o Zé não tarda a enriquecer  
— não me espanta que o Zé enriqueça rapidamente.

Tal *expectativa* activada pelo estado de coisas invocado em p pode mesmo estar já confirmada/consumada:

- (II-25) Trabalhador como é, não espanta que o Zé esteja rico/tenha enriquecido.

Anoto que estas dimensões de *expectativa* e *contra-expectativa* accionadas por p nos ENs-II já foram acima, em 2.2.4.3., devidamente consideradas — como também o foi a actualização que neles tem lugar de valores ilocutórios, de resto algumas vezes explicitados nos ENs agora apresentados.

Quero observar que o encarecimento obtido para o estado de coisas desenhado em p se situa, nos exemplos agora dados, na escala das grandes quantidades — em sintonia com o conteúdo proposicional de p', sintonia essa que permite, como sabemos, a *economia* em p do quantificador.

É claro que o encarecimento do estado de coisas recortado em p pode dar-se também na escala das pequenas quantidades — o que é devidamente acompanhado no que tange à selecção apropriada do conteúdo proposicional de p', que estará em conformidade com aquela escala, possibilitando, também, a *economia* em p de quantificador. Veja-se:

- (II-26) Trabalhando (tão pouco) como trabalha,  
— não espanta que o Zé esteja pobre/não tenha enriquecido  
— como é que o Zé há-de enriquecer?  
— como é que o Zé não há-de estar pobre?  
— espantaria se o Zé estivesse rico...

---

<sup>43</sup> Também aqui, este valor de *contra-expectativa* se vincula, como já assinali devidamente, à quebra de um nexo implicativo.

6.3. Uma outra solução, muito próxima da anterior no que respeita às dimensões de expectativa e contra-expectativa desencadeadas, é a que exemplifico nos seguintes ENs:

(II-27) Para o que/ao que o Zé estudou/para quem estudou o que o Zé estudou,

- (i) admira-me que não tenha chumbado
- (ii) não me admira que tenha chumbado.

(II-28) Para o que/ao que estudaste/para quem estudou o que tu estudaste,

- (i) como é que conseguiste não chumbar?
- (ii) como é que foste chumbar?

Para além de ilustrarem que o segmento *p* apresenta uma realização onde opera a preposição *para* ou *a* e que o segmento *p'* pode actualizar-se em pergunta retórica, estes exemplos suscitam a seguinte observação, em sintonia com a que fecha o número anterior: o locutor que enuncia (II-27) e (II-28) dá como disponíveis para o alocutário tanto a ordem de grandeza envolvida em *p* como a escala em que essa ordem se inscreve — e é em consonância com essa ordem de grandeza/essa escala que em *p'* se concretizará ou o primeiro ou o segundo acto ilocutório/o primeiro ou o segundo estado de coisas que, em alternativa ((i)-(ii)), inscrevi naqueles exemplos. Como se compreenderá, quando aquela ordem de grandeza se situa na escala das pequenas quantidades, tem lugar a actualização da primeira alternativa ((i)); quando, pelo contrário, se situa na escala das grandes quantidades, é a segunda daquelas alternativas ((ii)) a que é actualizada.

6.4. Os valores que vimos projectarem-se nos ENs-II referenciados em 6.2. actualizam-se também numa outra solução disponível para a realização do segmento *p*.

Trata-se de uma solução em que aquele segmento é introduzido pela preposição *com*, que impõe uma adequada configuração para esse mesmo segmento. Vejam-se os seguintes ENs:

(II-29) Com o que ganhas,

- bem podias viver melhor
- como não vives melhor?<sup>44</sup>
- não sei como não vives melhor
- espanta-me que não vivas melhor
- espanta-me que vivas tão mal.

(II-30) Com o que ganhas,

- não podes viver melhor
- como viver melhor?
- espantar-me-ia se vivesses melhor
- espanta-me que vivas tão bem.

As considerações tecidas acima (Ver, de novo, 2.2.4.3. e também 6.2.) para as dimensões de expectativa e de contra-expectativa activadas por ENs-II dispensam qualquer comentário mais sobre os ENs (II-29) e (II-30).

Também não será já necessário juntar qualquer referência aos valores ilocutórios realizados no segmento p' destes mesmos ENs.

Por outro lado, os comentários/observações avançados em 6.3. permitem também que se articule com facilidade as diversas soluções dadas em alternativa com a identificação adequada — ou na escala das grandes quantidades ou na escala das pequenas quantidades — da ordem de grandeza, dada pelo locutor como disponível para o alocutário, relativa aos estados de coisas invocados no segmento p dos mesmos ENs (II-29) e (II-30).

6.5. Para os ENs-II — como, naturalmente, para as soluções que tenho vindo a referenciar como sendo deles aparentadas — em que seja actualizada, em p', uma *contra-expectativa*<sup>45</sup>, está ainda disponível uma última solução. Nela opera o coordenador *e*, que articula os segmentos correspondentes a p e p', marcando entre eles uma forte contraposição/contraste.

---

<sup>44</sup> Para uma análise — em parte diversa da aqui recortada, mas com ela largamente convergente — de ENs deste formato (em que uma pergunta retórica em *como?/como não?* se articula a um segmento introduzido por *com*) ver o meu estudo citado na Nota 42.

<sup>45</sup> Sobre a realização deste valor, ver as observações já formuladas antes. Ver ainda 6.6.

É esta solução que vemos actualizada nos seguintes ENs:

- (II-31) A Ana come muito/tanto e não engorda
- (II-32) O Zé come (tão) pouco e está gordíssimo
- (II-33) O Zé e a Ana estão (tão) apaixonados e andam (tão) tristes
- (II-34) Tão estudioso e chumbou
- (II-35) Com tanto dinheiro e vive tão mal
- (II-36) Com um marido tão dedicado e anda sempre tão insatisfeita.

Já se compreendeu que estes ENs representam uma solução a que 'subjaz' uma configuração consecutiva do tipo que ilustro de seguida, tomando, por exemplo, (II-36):

- (II-36') Tem um marido tão exemplar que se esperaria/seria de esperar que não andasse (sempre tão) insatisfeita.

Registo que na solução em análise, e em consonância com a referida contraposição que nela se estabelece entre *p* e *p'*, o elemento *e* alterna com naturalidade com *mas* (*mas-PA*)<sup>46</sup> — excepto quando *p* aparece com a configuração ilustrada nos dois últimos exemplos.

Nestas soluções, servem de modo particular ao reforço da referida contraposição entre *p* e *p'* alguns elementos de índole temporal ou temporal-aspectual:

- (II-37) Tão amigos que nós éramos e agora estamos tão indiferentes um ao outro
- (II-38) Tão novo/com tão pouca idade e já tão pouco jovem
- (II-39) Tão jovem/com tão pouca idade e já não acredita na vida
- (II-40) Tão velho/com tanta idade e ainda não deixou de trabalhar
- (II-41) Tão crescido e ainda tão inseguro.

O contraste estabelecido entre *p* e *p'* é, em (II-37), reforçado pela dimensão temporal assinalada por *éramos* e *agora estamos*. Esse mesmo contraste é ampliado, em (II-38) e (II-39), pelo valor de *já/já não*, que assinalam

---

<sup>46</sup> Ver, acima, 5.5. e Nota 40.

a contra-expectativa que é, em face de p, a *transição precoce* que, nesses ENs, aqueles morfemas indicam. A contraposição desenhada em (II-40) e (II-41) entre p e p' é reforçada/ampliada pelo valor de *ainda não/ainda*, que assinalam a contra-expectativa que é, em face de p, a *transição tardia* (= manutenção, excessiva, de uma situação/retardamento, excessivo, de uma transição que já deveria ter-se dado) que, nesses ENs, aqueles morfemas indicam.

Um outro modo corrente de reforçar aquela mesma contraposição — ou o valor de contra-expectativa que, em face de p, obtém p' — é o que se actualiza na partícula modal *afinal/afinal de contas e/ou* na expressão, de forte cariz resultativo, *acabar por*:

- (II-42) O Zé tem tantas qualidades e afinal/afinal de contas nunca fez nada na vida/acabou por nunca fazer nada na vida
- (II-43) Com tantas qualidades e afinal/afinal de contas nunca fez nada na vida/acabou por nunca fazer nada na vida
- (II-44) O Zé estudou tão pouco e afinal/afinal de contas passou/acabou por passar.

Considerem-se, finalmente, os seguintes ENs:

- (II-45) Com um tempo assim/destes e foram para a praia...
- (II-46) Com um tempo assim/destes e não foram para a praia...

Como se nota, a polaridade positiva de p', em (II-45), e a polaridade negativa desse mesmo segmento, em (II-46), articulam-se a um diferente recorte do estado de coisas capturado em p.

Essa diferença — que é antes uma oposição — é facilmente reconstruída: em (II-45), verifica-se a *economia* do elemento a que respeita a quantificação: *mau* (mau tempo); em (II-46), dá-se antes a *economia* de *bom* (bom tempo). Esta *economia* é possível, como sabemos já, por força do estado de coisas capturado em p' — e, claro, nela intervirá também a disponibilidade de dados contextuais e/ou cotextuais para que apontam os deícticos *assim/destes*.

Em qualquer daquelas duas situações referenciadas naqueles ENs, actualiza-se em p' um acto de crítica/censura — vinculada, porém, a razões antagónicas, opostas (“estar mau tempo”/“estar bom tempo”), e aplicada a constatações igualmente opostas: “terem ido à praia”, em (II-45); “não terem ido à praia”, em (II-46).



6.6. Dei já, oportunamente, o devido relevo à circunstância de que nos casos em que se recorta em p' uma *contra-expectativa* se verifica regularmente a quebra do nexu implicativo actuante, como se viu, nos ENs que comportam uma consecutiva — ou nas soluções que, nos termos que venho propondo, são aparentadas a esses ENs. Quero agora sublinhar, também de novo, que a quebra deste nexu implicativo arrasta sempre um forte acréscimo informativo ou informativo-comunicativo para o segmento p' (ou para o que nas soluções aparentadas lhe corresponde), sobre o qual se dá, então, um efeito de focagem — não raro, como se anotou, reforçado, sob modalidades diversas, em algumas das soluções referenciadas.

7. No domínio dos ENs-III são muito menos variadas as soluções aparentadas disponíveis.

7.1. Registarei as soluções que utilizam a expressão léxica — realizada em *sobrar* — da quantificação correspondente ao grau de *demasiado/de mais*, e a expressão léxica, negativa, — realizada em *faltar* e *carecer* — da quantificação correspondente à *negação do grau “suficiente”/“bastante”*. Passo a ilustrar sumariamente:

- (IIIb-9) A Rita é muito egoísta; à Ana, pelo contrário, sobra-lhe generosidade para não se preocupar com os outros.
- (IIIa-10) O Pedro não faz o mínimo exercício físico; ao Zé, pelo contrário, sobra-lhe energia para não praticar desporto.<sup>47</sup>
- (IIIa-6) Falta ao Zé disponibilidade para se ocupar devidamente dos filhos/O Zé carece de disponibilidade para se ocupar devidamente dos filhos.

Observo que a negação do grau de “suficiente”/“bastante” a que correspondem *faltar* e *carecer* encontra também expressão equivalente em *pouco*, sobre que se constrói a escala das pequenas quantidades. Daí, (IIIa-6'):

- (IIIa-6') O Zé tem tão pouca disponibilidade que não se ocupa devidamente dos filhos

---

<sup>47</sup> Talvez se reconheça alguma artificialidade nestes dois ENs. No entanto, quer-me parecer que, em contexto contrastivo (como é o que surge nos exemplos dados), tais ENs são perfeitamente aceitáveis. Observo que esses ENs não são estritamente equivalentes, respectivamente, aos seguintes:

- À Ana, sobra-lhe generosidade para se preocupar com os outros.
- Ao Zé, sobra-lhe energia para praticar desporto.

7.2. Uma outra possibilidade, disponível apenas para ENs com a configuração apresentada em 3.7.1., é a que actualiza, para a quantificação marcada por *de mais/demasiado*, as soluções léxicas *ultrapassar* ou *estar acima de*, e, para a quantificação correspondente à *negação do grau “suficiente”/ “bastante”*, a solução *estar abaixo de/não estar à altura de*. Exemplifico, retomando, em nova versão, ENs já introduzidos em 3.7.1.:

- (IIIa-7) A inteligência da Ana está abaixo da/não está à altura da complexidade deste problema (Cf. o exemplo seguinte)
- (IIIb-10) (A complexidade de) este problema está acima de/ultrapassa as possibilidades intelectuais da Ana.
- (IIIb-11) Este carro está acima de/ultrapassa as possibilidades económicas do Zé.

Já se terá reparado em que estas soluções léxicas são particularmente consistentes com a caracterização, utilizada ao longo deste trabalho, da quantificação em termos de escalas: a quantificação encarecedora que opera nos ENs analisados neste estudo foi justamente apresentada como uma instrução (de índole topológica, direccional) no sentido de percorrer uma escala — na direcção ascendente, quando a quantificação se situa na escala ‘das grandes quantidades’, e na direcção descendente (que corresponde igualmente a uma intensificação), quando a quantificação se inscreve na escala ‘das pequenas quantidades’.<sup>48</sup>

Porto, Março de 1994

*Joaquim Fonseca*

---

<sup>48</sup> Ver, particularmente, 1.4..